

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

ADRYANNY KAROLYNY ROSA PEREIRA

ARTE E HISTORIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA DE HEGEL

São Luís

2011

ADRYANNY KAROLYNY ROSA PEREIRA

ARTE E HISTORIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA DE HEGEL

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Júnior.

São Luís
2011

Pereira, Adryanny Karolyny Rosa.

Arte e História: considerações sobre a estética de Hegel /Adryanny Karolyny Rosa Pereira. São Luís, 2011.

55 p.

Impresso por computador (fotocópia)

Orientador: Almir Ferreira da S. Junior

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2011.

1.História 2. Arte 3. Hegel 4. Estética

CDU 7. 013: 1

ADRYANNY KAROLYNY ROSA PEREIRA

ARTE E HISTORIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA DE HEGEL

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção
do grau de licenciado em Filosofia.

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Prof^o.: Almir Ferreira da Silva Júnior (Orientador)
Doutor em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^o.: Marcos Muniz
Mestre em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof^o.: Cristiano Capovila
Especialista em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Ao pai que é todo poderoso, nosso bondoso Deus, por estar sempre ao meu lado, por me manter sempre firme e perseverante na minha caminhada, na minha luta diária, na minha vida.

Aos meus pais, que me acompanham, acalmam-me, aconselham-me, dão bronca quando necessário, mas o mais importante: impulsionam-me para a vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Almir Ferreira S. Junior, que me ajudou bastante, não desistiu de mim, me corrigiu, reclamou por algumas falhas, mas principalmente, porque com todos os seus compromissos, não me deixou na mão e ajudou a terminar este projeto.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram, nunca me abandonaram, mantendo-me de pé, fazendo companhia quando, sem parecer, eu me sentia só. Amigos que me fizeram sorrir até mesmo quando minha maior vontade era chorar e jogar tudo para o alto: Suzane, Jesilene, Joicy, Safira, Cibely, Realina, William, Roseane, Ulisses, Anna Mary, Aline Borges e Mônica.

Aos meus amigos da UFMA, que caminharam comigo durante esses quatro anos, que me proporcionaram momentos maravilhosos e que sem dúvida jamais saíram da minha memória: Carina Camara, Carmemylla Batista, Davilene Verônica, Elton José, Flaviano Menezes, Giovana Karine, Igor Pereira, Josué Figueira, Karine Muniz, Lilian Chagas, Naíza Lima, Nathalia Salazar e Wandyson Oliveira.

Algumas vezes nossos trabalhos se tornam muito cansativos, até estressantes e acabamos por pensar diversas vezes em desistir e nesse momento o que precisamos é de algo ou alguém que nos faça acordar e deixar para trás esse pensamento negativo. Eu tive um anjo que muitas vezes conversou comigo e me fez ver que eu realmente sou capaz e por isso e muitas outras coisas, aproveito para agradecer de forma especial a Domingos José, por fazer parte desse grande momento da minha vida e por ter sempre ficado ao meu lado quando eu mais precisei. Obrigada.

“Quem quer algo de grande, deve saber limitar-se. Quem, pelo contrário, tudo quer, nada, em verdade, quer e nada consegue.”

Georg Wilhelm Friedrich **Hegel**

RESUMO

Esse estudo objetiva abordar o idealismo estético hegeliano em sua compreensão racional do belo artístico como determinação espiritual da Ideia na história. Toma-se como referencial, sobretudo, os *Cursos de Estética* e a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Enquanto um dos expoentes do idealismo filosófico alemão, G.W.Hegel possui o mérito de pensar o domínio do belo artístico para além de uma consciência estética e de uma experiência de prazer subjetivo. Para o pensador da Razão Absoluta, a experiência da arte e do belo, enquanto manifestação efetiva do pensamento nos revela verdades sensíveis e históricas das identidades culturais e da espiritualidade de um povo (*Volksgeist*). Daí a estética hegeliana está diretamente vinculada à possibilidade de uma história da arte, desde a antiguidade até seu tempo, mostrando que a noção de belo varia conforme o lugar e o espírito do tempo (*Weltgeist*). Assim, o belo artístico não se refere apenas ao sentimento de prazer, mas ao movimento histórico-dialético em que a Ideia realiza-se efetivamente nos limites da finitude sensível, oferecendo-nos o conteúdo cultural de um momento histórico. A arte, além de nos conceder a experiência de um prazer estético é, acima de tudo, a expressão da verdade espiritual mostrada na evolução histórico-espiritual da cultura. Portanto, a mesma não se constitui apenas uma fruição, mas possui um fim último de mostrar sensivelmente a evolução espiritual dos homens ao longo da história. Esta concepção hegeliana implica na percepção de beleza como uma construção sócio-cultural que se revela pelo exercício da *aisthesis*, e, conseqüentemente, pelo desdobramento efetivo de suas produções espirituais objetivadas. Ressalta-se, do ponto de vista lógico-conceitual, a esfera da arte como expressão do Infinito da finitude no horizonte dialético de sua expressão histórica, destacando a superioridade da arte diante da natureza. Tendo em vista a determinação ontológica da Ideia, sua realização na finitude, contempla-se seu processo de diferenciação enquanto *formas de artes particulares: simbólica, clássica e romântica*; bem como a singularidade das artes particulares. Por fim, propõe-se uma breve análise sobre o prognóstico do fim da arte, brevemente anunciado nos *Cursos de Estética* de Hegel, e que ficou conhecido como “morte da arte”. Deste modo, a história se revela também como a realização efetiva do Pensamento no transitório da finitude sensível.

Palavras-chave: arte, estética, belo, história, pensamento, verdade.

ABSTRACT

This study aims to address the Hegelian aesthetic idealism in his rational understanding of artistic beauty and the spiritual idea of the story. Take as reference, especially the courses aesthetics and Encyclopedia of the Philosophical Sciences. As one of the exponents of German philosophical idealism, GWHegel think has the merit of the domain of artistic beauty as well as an aesthetic awareness and a subjective experience of pleasure. For the thinker of absolute reason, the experience of art and beauty, while actual manifestation of thought, reveals sensitive and historical truths of cultural identities and spirituality of a people (Volksgeist). Hence the Hegelian aesthetic is directly linked to the possibility of an art history from antiquity to his time, showing that the concept of beauty varies according to the spirit of the place and time (Weltgeist). Thus, the beauty of art is not just about the feeling of pleasure, but the dialectical movement of history in which the idea, carried out effectively within the limits of finitude sensitive, offering us the cultural content of a historic moment. The art, and give us the experience of aesthetic pleasure, is above all an expression of spiritual truth shown in the evolution of historical and spiritual culture. Therefore, it is not only an enjoyment, but has an ultimate goal to show substantially the spiritual evolution of man throughout history. This Hegelian conception implies perception of beauty as socio-cultural shows by the exercise of aisthesis, and hence the effective deployment of their spiritual productions targeted. It should be noted, from the standpoint of logical-conceptual, the sphere of art as an expression of the Infinite finitude the horizon of his dialectical historical expression, highlighting the superiority of art to nature. Given the ontological determination of the idea, its realization in the finite, contemplates their differentiation while particular forms of art: symbolic, classic and romantic, as well as the uniqueness of particular arts. Finally, it proposes a brief analysis of the prognosis of the end of art, short courses advertised in the aesthetics of Hegel, and became known as "death of art." Thus, the story also shows how the effective realization of Thought in transient finite sensitive

Keywords: art, aesthetics, beauty, history, thought, truth.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
	
	08	
2	A ESTÉTICA COMO DISCURSO FILOSÓFICO DO INFINITO NA FINITUDE: a ideia e o ideal	
	
	11	
3	ARTE E PENSAMENTO: considerações hegelianas	
	
	16	
3.1	A Arte na instância lógica	
	
	19	
4	A ARTE E O CARÁTER DE SUAS PARTICULARIDADES HISTÓRICAS	
	
	24	
4.1	Formas	Particulares
	
	25	
4.1.1	Arte	Simbólica
	
	25	
4.1.2	Arte	Clássica
	
	26	
4.1.3	Arte	Romântica

.....
27

4.2 Particularidades artísticas: o ideal em sua expressão particular
.....

29

5 A TESE DO FIM DA ARTE: uma leitura histórico dialética.....41

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS
.....

52
.....
.....
.....
.....
.....

REFERÊNCIAS
.....

54

1 INTRODUÇÃO

Embora na tradição clássica exista uma lacuna entre filosofia e arte, reforçada principalmente pela necessidade de separar o conhecimento verdadeiro da ilusão das aparências, para os filósofos idealistas a reflexão sobre a arte é um caminho para a conciliação entre o racional e o sensível. A temática da filosofia da arte de Hegel é muito abrangente. É possível notar grande erudição e interesse pessoal do autor pelo assunto e pela história da arte em geral. Todavia, seus temas principais são a relação entre pensamento e a obra de arte (arquitetura, escultura, pintura, música e poesia), bem como a discussão sobre o problema da verdade da arte na história.

A Estética de Hegel não é uma simples aplicação prática da teoria estética; bem mais que isso, é uma guinada criteriosa do pensamento que tem como alvo reorientar as reflexões sobre o domínio da consciência estética, da arte e do juízo do gosto (o belo). Nas obras de arte, Hegel vê o belo para além do prisma do objeto particular; contingente e sensível. Afinal, a arte e a expressão do belo não se reduzem à materialidade e a contingência daquilo que imediatamente se apresentam nas configurações artísticas. Daí sua reflexão estética ser mediadora de um movimento de espiritualidade nas artes. Hegel incorpora a arte ao movimento do conceito em seu desdobramento histórico dialético. Assim, as formas artísticas sustentam o processo de autodeterminação do espírito até a conquista da consciência de si. Para Hegel, a ideia do belo é aquilo que surge do espírito e para o espírito, ou seja, a arte é concebida como trabalho do espírito. Desse modo, sobressai o privilégio do belo artístico em face de natureza, uma vez que nesse domínio a experiência da beleza é medida pelo trabalho espiritual. Sendo assim, segundo Hegel, a atividade artística constitui-se como um momento que pertence ao trabalho do conceito, isto é, realização efetiva da razão no horizonte da finitude.

Uma vez que a estética, segundo Hegel, privilegia a reflexão sobre o belo artístico, demarcando sua superioridade sobre a realidade prosaica natural, por que a filosofia da arte reivindica a história para compreender os seus produtos, enquanto expressões de conhecimento e verdade? O que torna legítima essa relação arte, verdade e história quando, do ponto de vista ontológico-conceitual, a arte, dialeticamente, sobressai como superior a natureza contingente e efêmera? Por outro lado, se do ponto de vista filosófico, a estética possui um caráter

essencialmente histórico, quando suas produções revelam identidades espirituais em suas diferenças culturais, como entender o decreto hegeliano do “fim da arte”?

No propósito de desenvolver as questões previamente formuladas, o trabalho proposto limita-se a análise de cunho bibliográfico restrita aos *Cursos de Estética* e à *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, objetivando compreender, sobretudo, o caráter essencialmente histórico que as reflexões sobre o domínio do belo artístico revelam no idealismo estético hegeliano. Consideramos tal explicitação fundamental para discutirmos o significado da formulação intitulada “morte da arte”. Em um primeiro momento, aborda-se a esfera da arte como um estágio da verdade, no qual o absoluto torna-se consciente de si mesmo. Pensá-la filosoficamente é tomá-la para além de uma simples configuração sensível, posto que seja obra do pensamento. Arte e Pensamento são um referencial nuclear que justifica a expressão da arte como momento de verdade na história.

Em seguida, desenvolveremos a experiência da arte como produto dialético da razão. A reflexão filosófica acerca da arte é redirecionada na medida em que a mesma é considerada do ponto de vista da supremacia da Razão (*Vernunft*) em seu auto desdobramento dialético nas fronteiras do sensível. A arte, enquanto produto da razão, constitui-se como a realização efetiva e verdadeira do infinito nos limites da finitude sensível, espiritualizando a realidade natural e prosaica. Ressaltando a estética como ciência do belo artístico, justifica-se a superioridade da arte diante da natureza. Deste modo, Hegel confere a estética o *status* de cientificidade.

No terceiro capítulo destacaremos o caráter de positividade das particularidades artísticas a partir dos diferentes ideais conceituais: simbólico, clássico e romântico; e no horizonte de suas manifestações singulares: arquitetura, escultura, pintura, música e poesia. Apenas desse modo, a ideia de arte cumpre com sua dimensão conceitual, ou seja, realização efetiva da Razão nas fronteiras espaço - temporais da finitude. Historicamente trataremos de analisar a experiência artística, tendo em vista um amplo histórico de Razão e espírito de um povo.

Por fim, propomo-nos analisar a concepção hegeliana do “fim da arte” em seu sentido histórico e sistemático da Razão absoluta. A decretação do “fim da arte” em Hegel compõe o pensamento da história da filosofia não mais pensada como um desenvolvimento da ideia em seu outro, mas pensada como um auto-

desenvolvimento dialético no qual a negação se torna um momento necessário - o *devenir*, enquanto processo em si e para si.

Desse modo, intentamos justificar a importância de privilegiarmos o idealismo estético de Hegel como um referencial para as discussões da estética moderna e para refletirmos o conjunto do belo artístico como conhecimento cultural revelado pela tradição dos povos, seja pelas artes plásticas, como pelas artes musicais.

2 A ESTÉTICA COMO DISCURSO FILOSÓFICO DO INFINITO NA FINITUDE: a ideia e o ideal

As lições de Hegel acerca da bela arte consideram que o termo “estética” não é de todo adequado para designar a ciência do belo, uma vez que se refere mais precisamente à ciência dos sentidos, das sensações. O termo foi empregado devido o fato de as artes alemãs serem consideradas em vista das sensações, entretanto, nos *Cursos de Estética (Vorlesungen über die ästhetik, 1835)* observamos que “filosofia da arte” constitui-se a expressão privilegiada e mais adequada para designar a estética enquanto ciência da bela arte.

A estética tem por objeto o amplo reino do belo, e mais precisamente; o belo artístico, em detrimento ao belo natural. Tal posição justifica-se uma vez que o belo natural constitui-se apenas um reflexo da natureza que não é consciente de si, não sendo, portanto, produto espiritual. Pois o que é do espírito se relaciona com a liberdade e o natural não é livre por não ser por si mesmo, por não ser consciente de si. Portanto, é do ponto de vista do referencial da razão espiritual que Hegel busca analisar a natureza da arte para verificar a seriedade da mesma enquanto objeto científico.

Em um primeiro momento, o filósofo indica que, aparentemente, a arte não traria nada de interessante à ciência, pois se relaciona com o entretenimento e com a ilusão, não tendo qualquer relação com a verdade da vida. Entretanto, Hegel nunca deixou de repetir: “a arte tem por objeto a representação da verdade”¹. Ela possui uma meta idêntica a da religião e da filosofia, e mesmo a verdade sendo apresentada sob formas de fenômenos, é conveniente atribuir a estes fenômenos da arte uma realidade mais elevada e uma existência mais verdadeira que a realidade cotidiana.

O reino da bela arte pertence ao espírito, mas para compreendermos a exposição das artes feita por Hegel é necessária a elucidação do que é designado como belo; “*Denominamos o belo de Ideia do belo*”², nos diz Georg Wilhelm Friedrich Hegel. O que precisamos observar é que no esquema dialético, a ideia é o momento da singularidade, o elemento concreto, e também conceito, mas a ideia é a

¹ FERRY, Luc. **Homo Aestheticus**: A invenção do Gosto na era Democrática. Tradução: Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p.183.

² HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética**. Vol. I. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2001.p. 121.

realidade do conceito posto em unidade; é um tipo de representação em que o conceito não é exterior ao objeto já que o conceito inclui em si o objeto concreto. Se há alguma diferença entre ideia e conceito, ela está no fato de a ideia ser mais concreta que o conceito, dado sua realização efetiva.

Abordar o paradigma da ideia como referencial para pensar a ciência da estética é tomar como pressuposto o seu conceito formulado previamente por Platão. Todavia, a diferença entre ambas as abordagens é que enquanto para Platão³ a ideia é pensada como perfeita, para Hegel sua compreensão exige uma conexão com a realidade efetiva, sua efetivação no real; só aí ela atinge sua plenitude ontológica dialética, na qual sempre existe um movimento em relação à ideia. Vale considerar, no entanto, que essa designação da ideia é mais adequada à Lógica. Em relação à estética, quando Hegel fala em ideia está pensando em ideal, que se refere ao conteúdo da arte propriamente dito. O conteúdo da arte é a ideia, que é uma das manifestações de espiritualidade, daí constituir-se enquanto produto da razão. Quando percebemos uma obra de arte, percebemos a sua totalidade (Ideia), não parte da obra, pois a obra de arte nos oferece elementos que devem ser tão acabados quanto for possível.

Tudo isso indica que é a relação “forma e conteúdo” que deve ser considerada para examinar a obra de arte, uma vez que é essa mediação que nos oferece a sensação de liberdade expressa em suas configurações. O ideal é a manifestação do sensível, a perfeita adequação entre forma e conteúdo. Todavia, o que se espera é que o conteúdo não seja abstrato, mas concreto, para que possa haver manifestação sensível⁴. O ideal nada mais é do que realizações distintas da ideia na concretude sensível, por isso existem diferentes ideais - simbólico, clássico e romântico.

São estes desdobramentos, realizados no horizonte de momentos históricos concretos, que dão origem às formas de artes e, conseqüentemente, às suas particularidades. Ressalva-se, segundo o idealismo hegeliano, que a história é

³ A Idéia não é, em Platão, um “outro mundo”; é verdade. E, isto não parece distanciar Hegel de Platão. Obviamente, cada qual considerou este termo em circunstâncias diferentes e com propostas diferentes.

⁴ Concreto não significa empírico. O que é empírico pode ser experimentado, o concreto é a síntese de múltiplas determinações. O que se percebe imediatamente é o empírico, e o que não se percebe imediatamente é um processo de reflexão que leva a uma síntese de múltiplas determinações. Também há aqui mais um indício ao tema fim da arte, pois a arte na época de Hegel tinha se tornado intelectualizada e o mesmo não via isto com bons olhos, pois o grau de abstração era alto demais.

entendida como “o desenvolvimento do espírito no tempo”⁵, o espírito só é compreendido pelo pensamento e segundo Hegel aparece em todas as ações que são enunciadas pelo ser humano. Podemos observar no livro *A Razão da História*, que “o homem é parte natureza e parte espírito, mas sua essência é o espírito. Quanto mais o homem se desenvolve espiritualmente, mas ele se torna consciente de si.”⁶ A partir deste pensamento, Hegel mostra que o espírito e a liberdade estão extremamente ligados.

Uma vez brevemente apresentadas essas considerações conceituais, podemos compreender melhor como se estabelece a relação entre a arte e a história no idealismo estético hegeliano. Esses conceitos nos permitem entender a estética de Hegel submersa na elaboração de seu sistema e faz com que não sejamos tentados a ler Hegel apenas como um historiador da arte, mas como um filósofo que pensa a arte como um produto da razão necessariamente histórica, oferecendo-nos, por conseguinte, um sistema das artes associado à concepção histórica da razão absoluta

Nos *Cursos de estética*, Hegel apresenta de modo categórico como ponto de partida a definição de estética como filosofia do belo artístico, o que pode ser compreendido mediante o desdobramento histórico-dialético da Razão (*Vernunft*) nos limites da finitude sensível. A filosofia da arte forma um elo essencial no conjunto da filosofia, desse conjunto compreende-se,

como uma totalidade orgânica em si mesma, que se desenvolve a partir do seu próprio conceito e, em sua necessidade de se relacionar consegue mesmo, como um todo que retorna a si, se une a si como um mundo de verdade.⁷

Cada parte da filosofia compreende sua singularidade identificada como particularização universal, pois somente na recondução à unidade que a unilateralidade é ultrapassada como absolutização de um momento e a Razão (*Vernunft*) reconhecida como seu fundamento. Em seu processo de transformação o Absoluto é a negação de sua permanência em si, se realizando progressivamente. Afirma-se na infinitude de sua liberdade, pressupondo-o como seu próprio ser, revelando-o como passagem no interior de suas determinações sob a forma de um

⁵ HEGEL, G.W.F. **A razão na história**: uma introdução geral à filosofia da história. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidon. São Paulo: Centauro, 2001, p. 21.

⁶ Ibid., p. 25.

⁷ HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética** vol. II. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 47.

processo de revelação progressiva. A arte como espaço autônomo de realização do espírito, não é tratada secundariamente na filosofia hegeliana, por expressar o que é do espírito. Hegel desenvolve uma distinção da bela arte da arte fugaz, que se coloca como meio e não como uma finalidade em si mesma. Assim, a arte digna de ser tratada é a arte livre em seus meios e fins. Essa dupla característica da arte faz Hegel apreciar uma analogia com o pensamento, que pode ser livre, mas também servir como meio a determinados fins. Vejamos como Hegel em suas palavras caracteriza a arte livre,

[...] o que nós pretendemos examinar é a arte livre tanto em seus fins quanto em seus meios. Que a arte em geral também atenda a outros fins e com isso possa ser apenas um jogo passageiro, esse aspecto ela possui em comum com o pensamento. Pois, por um lado, a ciência pode ser empregada como atendimento servil para fins finitos e meios casuais e assim não adquire sua determinação a partir de si mesma, mas a partir de outros objeto e relações; por outro lado, ela também se liberta dessa servidão para se elevar à verdade numa autonomia livre, na qual ela se realiza independentemente apenas com seus próprios fins⁸.

Pode-se observar um ponto fundamental nas considerações hegelianas acerca da arte. Com Hegel a arte ganha espaço singular na filosofia, pois, considerada livre, ela se situa enquanto momento de verdade espiritual, no mesmo patamar da religião e da filosofia. Por ser uma expressão da consciência e do divino e dos mais importantes anseios da humanidade e do espírito, ela constitui-se de uma chave fundamental para a compreensão do espírito de determinados povos, expressando, as intuições interiores e representações substanciais dos povos⁹.

Vendo-se diante de si enquanto liberdade infinita, a Razão Absoluta não se realiza sem desdobrar-se no plano da finitude, sendo a arte um primeiro elo entre a sensibilidade finita e o puro pensar. Vejamos como o nosso filósofo configura esse processo na Estética:

⁸ **Curso de Estética**. Vol I (2001). op. cit. p.32

⁹ A idéia de espírito de um povo (*Volksggeist*) é um fundamento importante da Filosofia da História hegeliana, pois considera os costumes de um povo, suas características peculiares enquanto expressão do espírito, sendo que isso pode ser uma chave importante para o entendimento da concepção hegeliana da filosofia da arte, pois a história também é um fundamento importante do sistema hegeliano, já que é efetividade, frente à concepção formalista – do ponto de vista hegeliano – da filosofia kantiana, quando a vida de um povo é um conteúdo do qual Hegel não prescinde. Além disso, cabe mencionarmos aqui nesse parêntese a concepção filosófica hegeliana enquanto sistema, isso tem fundamental importância, pois expressa essa necessidade hegeliana do absoluto, que abarque a totalidade, pois nada unilateral, do ponto de vista hegeliano, é totalmente verdadeiro.

Trata-se da profundidade de um mundo supra-sensível no qual penetra o pensamento e o apresenta primeiramente como além para a consciência imediata e para a sensação presente; trata-se da liberdade do conhecimento pensante, que se desobriga do aquém, ou seja, da efetividade sensível e da finitude. Este corte, porém, para o qual o espírito se dirige, ele próprio sabe o modo de curá-lo; ele gera a partir de si mesmo as obras de arte bela como o primeiro elo intermediário entre o que é meramente exterior, sensível e passageiro e o puro pensar, entre a natureza e a Efetividade finita e a liberdade infinita do pensamento conceitual.¹⁰

De tal modo, a arte seria o elo imediato entre o sensível e o supra-sensível e, por isso, é também expressão de um momento do espírito, de um estágio da verdade na história universal, pois sua forma se limita a um determinado conteúdo. Aliás, no que se refere à oposição entre forma e conteúdo, Hegel mostra que a aparência se caracteriza por expressar algo da essência, sendo assim, a forma e a aparência não podem ser desconsideradas, já que é por meio da forma que a coisa se apresenta para nós. Nesse sentido, a arte embora tenha como fundamento o que aparenta, ela apresenta algo da verdade, um estágio da verdade, no qual o absoluto torna-se consciente de si mesmo. Portanto, pensar filosoficamente a arte é tomá-la para além de uma simples configuração exterior e sensível, posto que é obra do pensamento. Arte e Pensamento, eis o referencial nuclear que justifica a expressão da arte como momento de verdade na história. Desse modo, detenhamo-nos um pouco mais em seus desdobramentos.

3 ARTE E PENSAMENTO: considerações hegelianas

¹⁰ **Curso de Estética**. Vol. I (2001)., op. cit., p.32-33.

Para Hegel, a arte enquanto expressão do espírito absoluto é uma manifestação histórica; ela exprime, assim como a religião e a filosofia, um modo do espírito superar a oposição ou a contradição entre a matéria e a forma, entre o sensível e o espiritual. Como bem afirma Hegel (1990), “*Existem obras de arte*”¹¹, e afirmar que obras de arte existem, é pressupor conceitualmente a arte como sensível histórico e significativa, intermediária entre o inteligível e sensível, isto é, como determinação do Espírito Absoluto, constituindo-se manifestação concreta do espírito, do verdadeiro, na história da humanidade.

Segundo o idealista, a arte, como veremos abaixo, é a primeira manifestação do Espírito Absoluto já no seu terceiro momento, isso é; o “retorno-a-si”. A arte integra o processo de tomada de consciência de si que o Espírito realiza subjetivamente no homem (na sua alma e no seu espírito); e objetivamente no direito, na moral e na ética. Sendo a mesma a forma sensível pela qual a verdade se dá à consciência humana. Ela constitui-se como parte do processo de autoconhecimento do Espírito que, no homem, se deixa representar sensivelmente através da bela arte. Para tanto, existem conteúdos mais apropriados para a representação artística. Esses conteúdos não podem ser completamente abstratos, pois precisam de uma representação sensível, mas por ser natural e sensível eles não deixam de ser também espiritual. Há uma unidade entre o geral e o particular em Hegel. Essa unidade é concreta e representável pela arte.

Na obra de arte ainda existem uma forma e um conteúdo espiritual, que dão identidade à arte, isto é, diferem-na de qualquer outro artefato feito pelo homem. O específico da arte é essa união entre conteúdo e representação que se encontram numa forma concreta espiritual: a obra de arte.

Existe uma interligação na obra de arte, entre a forma e conteúdo. Ambos existem correlatamente, isto é, um não vive sem o outro e não seria a mesma coisa se uma forma exibisse um conteúdo que não lhe fosse apropriada. Se a arte é um meio de tornar acessível um conteúdo, “a função da arte consiste em tornar a idéia acessível à nossa contemplação, mediante uma forma sensível e não na forma do

¹¹ BRAS, Gérard. **Hegel e a Arte: Uma apresentação à Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 25.

pensamento e da espiritualidade pura em geral [...].”¹² Desse modo, é preciso que conteúdo e forma estejam de acordo com a idéia a ser expressa. Idéia não significa puramente uma mensagem, mas um conteúdo espiritual. O espiritual, não se resume ao religioso. Uma vez que espírito e matéria estão em unidade, então o mundo concreto também é manifestação do espírito.

A arte, sozinha, não é o melhor meio de apreender o espiritual concreto. A arte precisa do pensamento, que por mais teórico que seja, possibilita que a matéria conforme-se com a verdade. A qualidade de uma obra de arte depende “do grau de fusão de união existente entre a idéia e a forma.”¹³. Isso é o que fundamenta, para Hegel, a hierarquização das diversas formas de arte que ele mesmo vai realizar. As artes mais perfeitas são aquelas que expressão melhor, ascende mais para a verdade, num processo evolutivo.

A compreensão do conceito de arte na filosofia hegeliana e mais especificamente nos *Cursos de Estética* nos é oferecido em dois diferentes e, ao mesmo tempo, análogo caminhos. A diferença é apontada se considerarmos o aspecto lógico da filosofia de Hegel em relação ao aspecto histórico e a analogia, quando estes são intrínsecos a esta diferença, uma vez que o sistema de Hegel tem como fundamento referencial o auto-desdobramento ontológico da ideia e como “pano de fundo” a história do Homem na perspectiva efetiva e concreta da cultura. Estes dois caminhos apesar de serem tortuosos, pois compreender o sistema de Hegel, não é uma tarefa fácil, também são muito prazerosos, estimulantes e curiosos, no que diz respeito à arte, pois a descrição oferecida por Hegel das belas artes nos proporciona uma viagem ao longo da arte ocidental, e parcialmente, oriental. Isso é feito pelo nosso autor com muita desenvoltura e com enfática erudição, mesmo que, uma vez ou outra, cometa alguns deslizes em suas leituras sobre alguns conteúdos das obras de arte, visto do ponto de vista da história da arte.

É nos *Cursos de Estética* que Hegel irá anunciar a mais elaborada consideração sobre a arte existente em todo o seu sistema. A estética de Hegel é uma ampla e erudita exposição das belas artes, na qual a arte tem como tarefa realizar a ideia em sua representação sensível. É também uma das mais ricas contribuições sobre teoria da arte na História da Filosofia e, conseqüentemente,

¹² HEGEL, Friedrich. **Preleções sobre a Estética**. In: O Belo Autônomo. Organização e seleção de Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p. 151.

¹³ Id

contribui também pra o desenvolvimento das considerações do tratamento científico da arte¹⁴. Estas lições são as demonstrações de uma aguda consciência da mutação da arte, em seu plano histórico, por parte de nosso autor. Ainda permitindo uma viagem pela História da arte, a começar pela representação sensível dos povos do Oriente, designada como pré-arte até a bela arte do mundo ocidental. Estas determinações são oferecidas por Hegel pelo fato de as intuições artístico e religiosa, tanto quanto a investigação científica terem início com a admiração, que marca o surgimento da forma de arte simbólica, mas este ponto será justificado com mais detalhes posteriormente, no tratamento das modalidades das artes classificadas por Hegel.

Uma obra com essa característica histórica é um privilégio na História da Filosofia, pois poucos foram os filósofos que se dedicaram com tanto vigor e rigor à História da Arte e às suas devidas implicações em nossa cultura e, conseqüentemente, na elaboração de um sistema das artes enquanto ciência. Entretanto, devemos observar que esse caráter só se faz possível na filosofia hegeliana dentro de seu pensamento e na sistematização de Ciência elaborada por ele. E é com esse rigor que aqui será considerado o termo arte considerando que sua abordagem do ponto de vista estético-filosófico emerge do período de maturidade do sistema hegeliano, ou seja, resulta da articulação dialética de suas primeiras partes, tanto para a Fenomenologia do Espírito, quanto para a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Isso significa que na *Estética* são preservados elementos que já foram apresentados nas obras citadas.

A ordem dos três saberes do Espírito Absoluto (arte, religião e filosofia), é indicada na *Fenomenologia do Espírito*, na *Enciclopédia Filosófica* e nos *Cursos de Estética*. Na *Fenomenologia do Espírito*, a arte, ao ser abordada enquanto expressão da religião sua ênfase, é ressaltada tendo em vista a experiência da consciência do Absoluto; na *Enciclopédia*, como momento de efetivação lógica do Absoluto; e na *estética*, sob a particularidade da realização efetiva da razão na história.

3.1 A Arte na instância lógica

¹⁴ Para a realização dos *Cursos de Estética*, Hegel se apóia na leitura de Winckelmann, no que tange a História da Arte e para o tratamento científico da arte recorre a nomes como: Henry Home, Charles Batteux, Karl Wilhem Ramler, Johann Henrich Meyer, Aloys Hirt e Anton Raphael Mengs. Ver: Curso de Estética.Op. cit.,2001, vol. I, p. 38-45.

No que diz respeito à caracterização lógico-sistemática, as três esferas do Espírito Absoluto são pensadas como auto-mediação da Ideia Absoluta. O conteúdo dos três saberes é o mesmo: o Absoluto, “pois também a filosofia não possui outro objeto a não ser Deus, sendo assim essencialmente teologia racional e por estar a serviço da verdade, é culto divino continuado¹⁵”, o que significa que a filosofia não está totalmente desprovida de conteúdo religioso. A diferença entre os três saberes diz respeito à Forma com que trazem à consciência o objeto Absoluto.

O Espírito absoluto é movimento, ele é dinâmico e a natureza reflete esse dinamismo; ele se manifesta e se reconhece no mundo e nas coisas. Ao criá-las ele cria a si próprio. Esse movimento revela uma característica fundamental tanto do espírito, quanto da realidade: a circularidade dialética. Para Hegel, essa dinâmica do Espírito guarda três momentos distintos, como podemos ver no § 18 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, ao apresentar a divisão do seu sistema.

A Ideia revela-se como o pensar absolutamente idêntico a si mesmo e este, ao mesmo tempo, como atividade de se pôr perante a si, a fim de ser para si e, neste outro, estar unicamente em si. A Ciência divide-se assim em 3 partes:

- I. A Lógica, a ciência da Ideia em si e para si.
- II. A Filosofia da Natureza, como a ciência da Ideia no seu ser-outro;
- III. A Filosofia do Espírito, a ciência da Ideia que do seu outro a si retorna.¹⁶

O Espírito é, primeiramente, ele próprio, idêntico a si mesmo. Depois ele se reflete naquilo que ele mesmo cria, isto é, o mundo natural, que é a sua negação, ou seja, o seu imediatamente “outro”- a Natureza. Por fim, reconcilia-se, quando essa realidade volta a reencontrar-se enquanto espírito, reconhecendo-se em três distintas esferas de realização: o espírito subjetivo - o espírito em seu processo inicial de reconhecimento subjetivo enquanto identidade de si e alma; o espírito objetivo - o espírito no reconhecimento necessário de suas relações sócio-interativas e ético-políticas; e o espírito absoluto - culminando nas três esferas de máxima

¹⁵ Ibid., p. 115 - Aqui há de se mencionar o fato de Hegel anunciar o Deus cristão. Mesmo sendo um filósofo protestante, ele reconhece na religião católica a divindade como algo concreto. O exemplo é a Santíssima Trindade. Parece haver a mesma relação de Pai, Filho e Espírito Santo para as três figuras básicas da dialética.

¹⁶HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências filosóficas em Epítome**. Vol. I Trad. Artur Morão.Lisboa:Edições 70,1988, p. 86.

realização espiritual na cultura: *arte* – finitude sensível -, *religião*- interioridade subjetiva - e *filosofia* - pensamento.

Esses três momentos de circularidade dialética do espírito são identificados por Hegel como: “Idéia/Lógica”, “Natureza” e “Espírito”, respectivamente. O espírito e a ideia são o mesmo ponto, um de partida e outro de chegada, formando o círculo. Assim sendo, a natureza torna-se o ponto intermediário, o “fora-de-si”; seria também uma forma diferente de ser da própria ideia, enquanto ser-em-si e do próprio espírito enquanto superação ou “retorno-de-si”. Dessa forma percebe-se que a concepção idealista da realidade, é a marca do pensamento de Hegel. Realidade efetiva e pensamento, espírito e matéria, são idênticos segundo o filósofo: “Somente o espiritual é o efetivamente real.”¹⁷.

A arte em seu conceito como esfera de determinação do espírito absoluto, se constitui como apresentação (*Darstellung*) da ideia na finitude. Desta maneira o pensamento produz a bela arte que se opõe a consciência imediata da finitude sensível. Pensar a arte partindo da superioridade da Razão significa afirmá-la como manifestação do infinito na finitude, ou seja; como reconhecimento histórico do espírito nos limites do sensível. Como bem afirma Brás:

Se a arte é criação, a estética é reflexão e supõe, portanto, que seu objeto seja efetivamente constituído, desdobrado em toda sua dimensão histórica. Não se poderia estudar a arte se ela não passasse do conceito abstrato do belo, isto é, a possibilidade de ser algo belo.¹⁸

A estética se estabelece no próprio desdobramento histórico da Razão no interior do qual a mesma se manifestou sob a licença poética do belo e da arte. Sendo assim, a estética hegeliana desenvolve um discurso sobre a finitude sensível admitido como horizonte necessário de realização da Razão. Entretanto, as criações artísticas são produtos espirituais, mas na condição de alterar a aparência imediata do sensível, tornando-o espiritualmente mais verdadeiro. Sob essa perspectiva é que se pode pensar a relação entre arte e sensível e, conseqüentemente, uma reflexão especial sobre o conceito estético de aparência.

Ainda que, o belo artístico corresponda ao cultivo da espiritualidade humana, suas determinações estão limitadas ao âmbito da finitude sensível.

¹⁷ **A Fenomenologia do Espírito**. op, cit., p. 306.

¹⁸ **Hegel e a Arte**: uma apresentação à Estética. op cit.,p. 28.

Referem-se apenas à apresentação (*Darstellung*) do divino no seio do sensível, de modo que, constitui-se de determinações livres e efetivamente verdadeiras. A representação consciente subjetiva na religião e o livre pensamento na filosofia, também trazem consciência ao Absoluto, assim como o saber imediato e sensível. Enquanto produto espiritual, a arte aponta para sua superação enquanto realização efetiva do pensamento.

A ideia não pode ser tomada como um elemento isolado do seu aparecer, de modo que no ato de se manifestar, tudo depende de como o conceito se insere na exterioridade real. Ela progride no verdadeiro sentido do real, revelando-se numa existência definida, a ideia se afirma no mundo da finitude sensível e se manifesta de diferentes formas. Nesse horizonte de expressão, ela se apresenta como singularidade do belo. A ideia se concretiza como ideal e se mostra no mundo da arte, cuja individualidade comporta a síntese entre o universal da ideia e o particular inerente à forma exterior que a reveste.

Considerando antecedentes de desdobramento lógico-conceitual (previamente desenvolvidos na *Enciclopédia*) Hegel, ao abordar a estética como ciência do belo artístico, ressalta que em seu caráter de cientificidade deve atentar aos seguintes esclarecimentos. A arte é produto da atividade humana que expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos; atividade que não é uma *mimesis* da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, que tecnicamente e por inspiração do gênio se configura na forma artística, expressando a particularidade de um povo na universalidade, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro.

Porém, é necessário considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta-se limitada diante de outras formas de manifestação do espírito na história. Dessa forma, ela concilia o pensamento do infinito e a finitude humana apenas de maneira sensível, imediata. Assim, a primeira Forma enquanto exterioridade sensível, apreendida pela intuição e sensação, determina o momento da arte, pois apresenta para a consciência a verdade por meio de sua configuração sensível.

[...] A arte é, um modo particular de manifestação do Espírito (*Geist*), no âmbito da finitude sensível; é um modo de expressão, apresentação

(Darstellung) do divino no seio da sensibilidade, constituindo-se, portanto, como determinação livre e produto verdadeiramente real. [...] ¹⁹

Mas a arte possui um limite; o de ser extremamente sensível, não podendo mais representar o divino por meio de si mesmo. A segunda forma, enquanto interioridade, apreendida pela representação, como consciência que se representa, determina o momento da religião, esta que precisa da arte para aproximar a verdade religiosa da sensação, ou seja; há a transferência da objetividade da arte para a interioridade do sujeito na religião. E a terceira forma determina o momento da filosofia, enquanto conceito, apreendida pelo pensamento, pois

[...] O livre pensar deve ser reconhecido como esta forma a mais pura do saber, na qual a ciência leva o mesmo conteúdo à consciência, e através disso se torna aquele culto espiritual que, por meio do pensamento sistemático, se apropria e apreende o que antes só é conteúdo da sensação ou representação subjetivas. ²⁰

Isto significa que a união da objetividade da arte e da subjetividade da religião constitui o pensamento consciente de si mesmo. Isso quer dizer que a arte se desdobra em um movimento dialético, que, necessitando se libertar da pura exterioridade sensível cede lugar à religião revelada, que é mais concreta que a arte, ainda que esta última esteja habituada a elementos sensíveis.

Arte, religião e filosofia só se aproximam pelo respectivo conteúdo oferecido em cada uma delas, ou forma de saber seria a única forma de compreensão capaz de revelar o Absoluto. Mas,

Ao atribuirmos à arte esta alta posição, devemos, entretanto, lembrar que ela não é, seja quanto ao conteúdo seja quanto à Forma, o modo mais alto e absoluto de tornar conscientes os verdadeiros interesses do espírito. Pois justamente a sua Forma já a restringe a um determinado conteúdo. Somente um certo círculo e estágio da verdade pode ser exposto no elemento da obra de arte ²¹

Para se tornar autêntico conteúdo da arte, a verdade deve possuir a determinação de poder transitar para o sensível e de poder nele ser adequada a si. Em contrapartida, há uma versão mais profunda da verdade onde ela não é mais tão

¹⁹ SILVA JUNIOR, Almir F. **Arte e verdade**: a transparencia da razão nos limites da finitude sensível em Hegel. Dissertação de Mestrado. UFPB, 1997. p. 25.

²⁰ **Curso de Estética**. Vol I (2001), op. cit., p.118.

²¹ Ibid., p. 34.

simpática ao sensível para nele poder ser expressa adequadamente por meio deste material. O espírito do mundo atual e de nossa formação racional se mostra como tendo ultrapassado o estágio onde a arte constitui e modo mais alto do absoluto se tornar consciente. Entretanto, ao afirmar a existência da pluralidade das obras de arte, promovendo-as como uma espécie de triunfo do espírito sobre as necessidades prosaicas e naturais da vida, Hegel parece deixar claro para nós que a reflexão filosófica da arte não pode privilegiar apenas uma experiência sentimental singular que proporciona aos homens a expressão desinteressada de um prazer impelido a comunicabilidade.

A bela arte é, necessariamente, uma realização efetiva que acontece na história. Só dessa forma pode ser pensada filosoficamente, como produto espiritual no qual os seres humanos se reconhecem.

4 A ARTE E O CARÁTER DE SUAS PARTICULARIDADES HISTÓRICAS

A arte é unidade do sensível e do espiritual, da natureza e do espírito, do exterior e do interior. Compreende-se a obra de arte como a encarnação do conteúdo de um pensamento em uma forma do sensível. Devido a isto, a aparência artística não é uma ilusão:

Em virtude da inadequação ou, mais precisamente, por causa da superficialidade deste nome, buscou-se também outras denominações, como o nome *kalística*. Mas também este se mostrou insuficiente, pois a ciência à qual se refere não trata do belo em geral, mas tão somente do belo da *arte*.²²

Hegel classifica os produtos espirituais da arte de forma evolutiva, considerando a historicidade da arte, as modalidades sucessivas de expressão artística. A idéia é o ponto de encontro da racionalidade e da verdade; desse modo, é ao mesmo tempo realidade e espiritualidade, na qual a Ideia Absoluta é a totalidade, e a arte; expressão da idéia enquanto realidade configurada em plena harmonia com seu conceito, é o ideal.

Há de se compreender que, enquanto ideia, a arte concilia o infinito no finito, representando o Absoluto numa matéria sensível ou plástica, manifestando o divino em elementos sensíveis, revelando-se a verdade da arte. Nessa manifestação sensível, material, do espírito, a arte contradiz sua própria forma, o que ela deve exprimir: seu conteúdo infinito, divino.

O desenvolvimento das formas de arte diante do belo artístico só pode ser entendido se considerado o ideal, o belo artístico em sua determinidade como obra de arte e a subjetividade produtora do artista. Todo esse desenvolvimento será trabalhado na exposição do desenvolvimento das formas particulares do belo artístico.

²² HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Lições sobre a Estética**. Caderno de Tradução. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1997. p. 15.

4.1 Formas Particulares

São formas que ritmam a evolução histórica da arte efetuando o trabalho dialético do conceito que medeia à representação e o conteúdo, as duas faces complementares da experiência estética.

4.1.1 Arte Simbólica

A arte simbólica é a primeira das formas de arte citadas por Hegel. Recebe esse nome devido à simbologia que representa na deficiência de adequação entre forma e conteúdo e, principalmente, por simbolizar aquilo que nosso autor discrimina como o início da arte.

O símbolo em geral é uma existência exterior imediatamente presente ou dada para a intuição, a qual, porém não deve ser tomada do modo como se apresenta de imediato, por causa dela mesma, mas deve ser compreendida num sentido mais amplo e mais universal.²³

Na arte simbólica, a ideia, ainda não encontrou sua verdadeira expressão. É prisioneira da natureza exterior e da natureza humana. Trata-se de uma forma pré-artística que não se separou da intuição sensível e cujo modo de expressão repousa sobre símbolos enigmáticos. A forma simbólica é imperfeita, pois, por um lado nela “a ideia somente cede à consciência de maneira indeterminada, com uma determinidade abstrata e, por outro lado, por isso, a adequação entre significação e a forma só pode permanecer também abstrata e defeituosa”.²⁴

A arte simbólica, pode não representar “a idéia mesma”, conforme foi mencionado acima por Hegel, mas representa a verdade de maneira inferior, simbólica. É por isso mesmo a forma mais abstrata e a menos elevada.

Quando reconhecemos o autenticamente simbólico, percebemos o fato de Hegel ter tratado a arquitetura como o tipo de arte mais específico para a forma de arte simbólica. Vale ressaltar que uma boa compreensão desses aspectos só ocorre

²³ HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética**. Vol. III. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 26.

²⁴FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: A invenção do Gosto na era Democrática**. Tradução: Eliana Maria de Melo Souza. editora Ensaio: São Paulo, 1994. p. 190.

na medida em que enfatizamos o carácter histórico desta forma de arte e a qual tipo de arte particular essa forma de arte se refere. No que diz respeito à arte há que se superar este carácter do simbólico, ou seja, sua inadequação de forma e conteúdo, diante do que é espiritual. Essa tentativa fica, então, reservada à próxima forma de arte: à clássica.

4.1.2 Arte Clássica

Tal como a forma de arte simbólica representa, sobretudo, a cultura e a religiosidade de uma época e de determinados povos do antigo oriente, a forma de arte clássica diz respeito à cultura e à religiosidade do povo grego. Para esse momento, Hegel nos coloca diante da mitologia, da escultura, da tragédia e da comédia, a representação do mundo grego desde a ruptura de seu aspecto natural, ainda presente na mitologia. Passando pelo aspecto de antropomorfização das formas escultóricas, confirmado pelo carácter sensível da arte, até o que pode ser considerado o declínio da forma de arte clássica, pela necessidade imanente de espiritualidade que se evidencia através da tragédia e da comédia.

Enquanto que a arte simbólica "balança entre mil formas", a arte grega "determina livremente sua forma" em função da ideia, do conceito, das intenções que animam o artista. A técnica é tão perfeita que controla plenamente a matéria sensível e a dobra às ordens do criador.

Este equilíbrio entre forma e conteúdo é, todavia, frágil. Hegel explica que, desde o fim do século IV, quando a demagogia sucede à democracia ateniense e que o arrivismo²⁵ e as intrigas pervertem a cidade, a harmonia entre o natural e o espiritual se degrada. Um abismo se aprofunda entre as antigas aspirações à virtude, o respeito às divindades e a realidade exterior: desde a época de Platão e de Xenófonos começa a dissolução da arte clássica antes que renasça, mais tarde, outras aspirações à espiritualidade.

O que de fato quer dizer a afirmação de perfeita adequação entre forma e conteúdo para essa forma de arte? Para a resposta a essa pergunta devemos voltar ao mundo do Oriente representado pela forma de arte simbólica, tanto em seu aspecto cultural quanto o lado técnico da arte. Se a arte simbólica se representa em

²⁵ Comportamento de quem procura galgar posições e obter dinheiro, sem atender aos meios.

uma infinidade de formas, o artista clássico aperfeiçoa a forma segundo o conteúdo da religiosidade e da cultura grega. Esse aperfeiçoamento é configurado em presença do material sensível sobre o qual o artista trabalha. Se no simbólico esse material era pesado ou colossal, representado também pelo peso da pedra, no que diz respeito à escultura grega, para fins de exemplificação, a pedra é talhada com serenidade, com exigência e consciência de perfeição de beleza, tal como a vida ética e cultural deste povo exige consciência e serenidade.

Ainda para uma melhor evidência da configuração da forma de arte clássica há que se fazer respeitosamente a explicitação da divisão dessa forma de arte realizada por Hegel. A maneira pela qual nosso autor estabelece essa divisão nos faz compreender o sentido do clássico, no sentido da palavra por nós determinado e os estágios de desenvolvimento que procedem do conceito de ideal. Portanto, a divisão de Hegel, nesse sentido, considera em primeiro lugar o abandono do simbólico, como resultado para a forma de arte clássica; em segundo, o verdadeiro ideal da forma de arte clássica, diante do novo mundo artístico, representado pelos deuses gregos; e por último, a dissolução da forma de arte clássica, na qual o autor nos apresenta que, da mesma maneira que os deuses e a consciência grega nascem para a forma artística, conseqüentemente desaparecem.

4.1.3 Arte Romântica

Na arte romântica, última forma de arte particular, a espiritualidade atinge o seu máximo na medida em que sua expressão revela-se como arte da interioridade absoluta e da subjetividade consciente de sua autonomia e liberdade. A representação do divino, do "reino de Deus" abandona qualquer referência à natureza, à realidade sensível. A arte clássica grega extraía seu conteúdo dos deuses; a arte romântica encontra-o na história de Cristo, da Redenção, da Virgem, dos discípulos; exprime assim a universalidade no seu mais alto grau.

O verdadeiro conteúdo da arte romântica é o absoluto em si mesmo universalmente. Tal conteúdo não se revela propriamente como produção da arte romântica, como pode ser observada nas formas de arte simbólica e clássica, "mas o conteúdo já está presente para si mesmo na representação e no sentimento fora

do âmbito artístico²⁶.” Dessa forma, inicialmente, a arte apenas se mostra como fenômeno da religião e posteriormente como acontecimento prosaico. Esses são os dois lados da forma de arte romântica, que se revelam através de dois mundos, um como o reino do espiritual, que se esgota em si mesmo e outro, como o reino do exterior enquanto tal, que não é mais capaz de expressar a interioridade, mas que ao mesmo tempo volta-se para isso, mostrando que o exterior é a existência que não se satisfaz e que se volta para o interior como seu elemento essencial.

Mas ambos os lados encontram o ponto de sua reunificação no princípio da subjetividade, que é comum a ambos. Por isso, o absoluto aparece igualmente como sujeito vivo, efetivo e, desse modo, também humano, bem como a subjetividade humana e finita, como espiritual, torna em si mesma vivos e efetivos a substância absoluta e a verdade, o espírito divino. A nova unidade desse modo conquistada, porém, não traz mais o caráter daquela primeira imediatez, tal como a escultura a expõe, mas o caráter de uma união e reconciliação que se mostra essencialmente como mediação dos lados distintos e, de acordo com o seu conceito, apenas é capaz de se dar a conhecer completamente no interior e no ideal [*Ideellen*]^{27, 28}.

A estética e a arte têm a tarefa de fornecer formas concretas e cada vez mais efetivas de liberdade, alcançando uma harmonia livre e acabada. A filosofia da arte incorpora a história da arte, como um sistema filosófico, sendo uma nova perspectiva de entender a estética, o que dá a ela uma dimensão histórica, consignando-as a um produto espiritual sempre presente nas realizações culturais e testemunhos de verdade.

Os povos depositaram na obras de arte as suas intuições interiores e rerepresentações mais substanciais, sendo que para a compreensão da sabedoria e da religião a bela arte é muitas vezes a chave – para muitos povos inclusive a única.²⁹

Por ser uma expressão da consciência e do divino, dos mais importantes anseios da humanidade e do espírito, a arte manifesta verdades do espírito, sendo

²⁶ **Curso de Estética**. Vol. II, (2002). op.cit., p.260.

²⁷ Vale ressaltar a nota do tradutor, Marco Aurélio Werle: No domínio das artes românticas, Hegel refere-se com frequência a um “ideal” que não é o ideal, ou seja, o ideal artístico por excelência realizado no mundo grego, e sim o *Ideelle*, ou seja, o “ideal” não fenomênico que está mais próximo da “Ideia” interior, religiosa e filosófica.

²⁸ **Curso de Estética**. Vol. III. (2002). Op. cit., p.190.

²⁹ **Lições sobre a Estética**. op cit., p.21.

ela uma chave fundamental para a compreensão do espírito de determinados povos, sendo, às vezes, a única chave compreensiva, pois a arte expressa, para Hegel, as intuições interiores e representações substanciais dos povos³⁰.

Frente à filosofia e à religião a arte apresenta uma característica peculiar, já que apresenta o espiritual de forma intuitiva, sensível, aproximando-se, desse modo, da natureza, sendo que isso propiciará a reconciliação imediata para um determinado povo entre forma e idéia. Hegel mostra que essa característica da arte expressa a profundidade do mundo supra-sensível, que tem relação com o pensamento, com a consciência que se vê diante de si como uma liberdade infinita, mas que não se realiza sem a finitude; não apenas enquanto formas conceituais particulares de determinação, mas como singularidades expressivas que assumem identidades de artes particulares, abordadas a seguir.

4.2 Particularidades artísticas: o ideal em sua expressão particular

Para o desfecho do presente capítulo não é possível deixar de mencionar a relação dialética das particularidades artísticas sob a forma de sua singularidade mais positiva: arquitetura, escultura, pintura, música e poesia, segundo as modalidades de expressão artística e a perspectiva conceitual de sua configuração. A especificação deste momento fundamenta com mais rigor a apresentação dos *Cursos de Estética*, e ainda nos revelam elementos importantes para o desmembramento de nossa problemática principal. As artes particulares constituem assim a expressão positiva da Ideia enquanto ideal no horizonte histórico concreto da finitude sensível sob as formas de espaço e tempo.

A primeira das formas específicas de arte é a arquitetura. Esta arte particular, como já dito acima, exprime conceitualmente a forma de arte simbólica e como não poderia deixar de ser, expõe como os aspectos naturais deste momento, se ajustam ao mundo exterior para o primeiro processo de realização do Espírito. Por isto, a arquitetura, tal como Hegel a entende, está capacitada para indicar seus

³⁰ A idéia de espírito de um povo é um fundamento importante da Filosofia da História hegeliana, pois considera os costumes de um povo, suas características peculiares enquanto expressão do espírito, sendo que isso pode ser uma chave importante para o entendimento da concepção hegeliana da filosofia da arte, pois a história também é um fundamento importante do sistema hegeliano, já que é efetividade, frente à concepção formalista do ponto de vista hegeliano.

significados, na forma de arte simbólica, uma vez que se mostra exteriorizada em todo e qualquer ambiente.

O que o pensador nos apresenta na verdade é uma espécie de desenvolvimento conceitual da ideia de arquitetura e não apenas os aspectos da mesma, desse primeiro momento elucidado como simbólico. Este tratamento histórico da arquitetura é configurado por meio da arquitetura simbólica ou autônoma, da arquitetura clássica e da arquitetura romântica. Esse início anunciado por Hegel significa como a arte se mostra inicialmente em sua naturalidade, no ambiente exterior do espírito e a arquitetura se apresenta antes mesmo que outras formas de arte, por exemplo: a música e a poesia. Mas como podemos ter a certeza de que tipo de arte surgiu em primeiro plano, ou ainda, como tais configurações foram chamadas de arte? Este argumento de Hegel pode nos parecer estranho ao observá-lo. No entanto, o filósofo supõe que tenha sido a arquitetura a primeira das configurações, pelo fato de a mesma representar a morada, tanto de homens quanto do culto de deuses.

Portanto, inicialmente está dada uma necessidade, e justamente uma necessidade que se encontra fora do âmbito da arte, cuja satisfação conforme a fins nada tem a ver com a arte bela e ainda não causa quaisquer obras de arte. O homem também tem o prazer de saltar, ele carece da comunicação por meio da linguagem, mas falar, pular, gritar e cantar ainda não são por isso poesia, dança e música. Mas se também no interior da comunidade a fins arquitetônicos sobressai o ímpeto por forma e beleza artísticas para a satisfação de determinadas necessidades, em parte da vida cotidiana, em parte do culto religioso ou do Estado, então certamente temos nesta espécie de arquitetura de imediato uma divisão. De um lado se encontra o homem, o sujeito ou a imagem do Deus como finalidade essencial, para a qual do outro lado, a arquitetura fornece apenas o meio do ambiente, do invólucro, etc. Com uma tal divisão em si mesma não podemos constituir o início, o qual é, segundo a sua natureza, o imediato, o simples, e não tal relatividade e relação essencial, mas devemos procurar um ponto onde uma tal diferença ainda não se destaca.³¹

Além desta menção ao início das representações sensíveis, sejam elas chamadas de arte ou não, Hegel também se propõe a anunciar como a espiritualidade se mostra em seu aparato sensível, principalmente por meio de instâncias religiosas e, a arquitetura simbólica ou autônoma é apresentada como o primeiro conteúdo do sagrado. Hegel revela a arquitetura simbólica, desse modo, apoiado em Goethe. “O que é sagrado? Pergunta Goethe certa vez em um dístico e

³¹ **Curso de Estética.** Vol. III. (2002). op cit., p.35.

responde: É aquilo que une muitas almas³²". As moradas dos deuses contêm os mesmos, e estes, são representados através de esculturas. Ou seja, a arquitetura e a escultura por vezes se misturam mesmo que a primeira se mostre predominante. Em seu conceito a arquitetura é pura ambientação e sua realização está restrita a sua configuração espacial. É ela a expressão primeira da Ideia nas fronteiras do sensível.

A racionalidade da Forma inaugura a arquitetura clássica, na qual o significado espiritual já adquiriu, fora da arquitetura, a sua existência livre e, nesse momento, principalmente a escultura se sobrepõe à arquitetura. Se antes os templos eram representados em suas formas simples, guardando os mortos, na antiguidade clássica a arquitetura ganha belas formas, que incluem desde colunas bem elaboradas a estátuas de deuses que narravam belamente mitos gregos.

A última representação de Hegel da arquitetura refere-se à arquitetura romântica. Inicialmente as maiores edificações, tal como entre os romanos, representavam a exuberância da nobreza, que se dividia entre a Igreja e os nobres que habitavam os exuberantes castelos, desde o período medieval. A ostentação do poder divino era representada verticalmente, apontando para o céu. Esta característica dava à arquitetura da época a impressão de que as construções eram bem maiores do que de fato elas eram.

A arquitetura enquanto elemento material pesado, que tem suas formas inorgânicas ordenadas segundo as abstrações simétricas do entendimento, não pode realizar o ideal de modo harmonioso e equilibrado. Mas possui a peculiaridade de dar a morada para os deuses. "E, assim, ela aplanar o lugar para o Deus, dá Forma para o exterior que o rodeia e constrói seu templo como o espaço para a concentração e direcionamento para os objetos absolutos do espírito." ³³. É a partir dessa configuração religiosa que a arquitetura se volta a seu material pesado, mas para uma determinidade mais leve, volta-se mais para a escultura, na representação da morada dos deuses.

Se a arte clássica é a única forma de arte que coloca em perfeita harmonia forma e conteúdo, é a arte da *escultura* a sua principal representante. Mesmo carregando o peso da pedra da arquitetura, a escultura ganha gradualmente formas perfeitas nas representações de deuses antropomórficos. Essa

³² Ibid., p. 42.

³³ **Curso de Estética**. Vol. I (2001). op. cit., p. 98.

representação se mostra através da objetividade do espírito decorrente de seu material pesado, mas ao mesmo tempo essa objetividade escapa ao seu aspecto formal cedendo espaço à subjetividade do espírito, pois o mesmo não poderia se realizar apenas diante da matéria sensível, mas apenas como sujeito.

A escultura é a arte ideal. Tem como objeto a individualidade que é em si e para si, o caráter inteiramente objetivo, voltado à bela necessidade livre. Sua forma surge do espírito da imaginação que abstrai e pensa a partir da contingência da subjetividade espiritual e da forma corpórea, sem a instância de sentimentos e desejos.

A escultura grega é completa em idealização também nos seus aspectos particulares da forma escultórica, que se revelam pela cabeça, pela posição do corpo e pelo princípio da vestimenta. A liberdade dessas formas gregas não se restringia apenas ao repousar dessas formas, mas também através dos aperfeiçoamentos que o artista lançava à obra. Tais detalhes são constituintes dos aspectos particulares da escultura, mas que ao mesmo tempo deveriam abandonar do corporal o que é nele propriamente natural, ou seja, o que indica as funções naturais do corpo. Esta espécie de contrariedade da representação da figura humana abandona seu aspecto natural torna a escultura forma e expressão do espírito, pois

[...] o ideal autêntico mais rígido deve corporificar a espiritualidade e torná-la presente apenas por meio de sua forma e da expressão dela, mas mostrar a forma sempre mantida coesa, sustentada e completamente penetrada por este seu conteúdo espiritual³⁴.

Ainda que a escultura mantenha o aspecto de objetividade diante de seu material, já indica o princípio da subjetividade que se mostra através de seu conteúdo e de seu modo de exposição artística. É essa subjetividade que produz a transição universal da escultura para as demais artes.

A *pintura*, segundo Hegel, exterioriza seu conteúdo, dando-lhe as formas da figura humana e das formações naturais em geral, sem se ater ao caráter sensível e abstrato da escultura e, é na pintura que o espírito se afirma através da subjetividade finita e infinita, exprimindo em seu material, vida e movimento. Segundo o filósofo, a pintura elevou seu grau de desenvolvimento no cristianismo da Idade Média e Moderna, nos quais a intimidade dos sentimentos, as felicidades e

³⁴ **Curso de Estética**. Vol. III. (2002). op. cit.,p. 126.

sofrimentos da alma, abriram à arte profundidades que só a pintura era capaz de explorar e exprimir. Tais descrições sobre a pintura se tornaram fonte de reflexão para Hegel, inicialmente considerando o aspecto religioso representado por esta forma de arte e, posteriormente, considerando os aspectos sociais e políticos, que de uma maneira ou de outra já haviam sido exacerbados anteriormente, por meio da religião.

Mesmo que, por vezes, a pintura seja utilizada para a decoração de edifícios públicos e de palácios, Hegel afirma que ainda assim esta particularidade artística nunca deve perder a sua independência como arte livre. O artista tem por missão expressar sua interioridade individual, mas ao mesmo tempo o faz em ricas particularidades variadas, o que exige o emprego de diversos materiais. O elemento essencial utilizado na pintura é a luz, que é fator de visibilidade dos objetos e representa a primeira auto-afirmação da natureza. No entanto, ela constitui apenas um meio de manifestação usado pela natureza para tornar visíveis os objetos em geral. Por sua vez, a luz forma o império da cor e são as riquezas das cores que permitem a manifestação das produções e totalidades da pintura. Outro elemento importante é a perspectiva. Devido à primeira determinação essencial da pintura que é a superfície plana, é a configuração da perspectiva que permite a esta forma de arte um modo de exposição que se mostra aparente diante de todas as dimensões espaciais e diante da distância dos objetos, dando aos mesmos a sensação de movimento.

Em oposição à esfera religiosa, a pintura também apresenta em seu conteúdo, a representação da natureza, normalmente por meio de paisagens ou elementos individuais da vida natural, que oferecem, segundo Hegel, à invenção e à execução, muitas possibilidades para a expressão da individualidade. A pintura pode e deve exprimir esses aspectos naturais, uma vez que não se apresenta como uma simples imitação da natureza, mas reconhece nos objetos traços da afinidade com o espírito e situações particulares do mundo objetivo que comportam na vida sentimental disposições que correspondem à natureza. O que Hegel critica aqui é a cópia fiel, que não expressa sentimentos, o aparecer totalmente realista, que tem como falta a expressão do vivente, o reflexo da alma.

Para que o estudo de uma pintura seja completo, Hegel exige capacidade de apreciar e julgar quadros. Mas, segundo o filósofo, o melhor modo de estudar e fruir de modo racional a pintura, consiste em colocá-la em uma ordem histórica. Para

realizar esse propósito, ele alinhou as pinturas bizantinas, italianas, holandesas e alemãs, segundo uma ordem evolutiva.

Mas eis que a Ideia no propósito de se realizar na esfera do sensível transita da forma espacial para temporal. O espírito se faz *música*. Hegel apresenta a música de forma curiosa. Inicialmente anuncia apenas uma descrição, menos rica em detalhes, uma vez que o mesmo afirma não conhecê-la, detalhadamente bem como os elementos característicos e históricos que constituem essa particularidade. Adiante, entretanto, ele responde às expectativas dos ouvintes de seu curso (*Cursos de Estética*), descrevendo minuciosamente dados fundamentais constitutivos da música. Porém, o mais curioso é a explicação analógica do desenvolvimento da música no que se refere ao desenvolvimento dialético de sua lógica. A apresentação de Hegel sobre a música poderia ser delineada, tal como a sequência apresentada pelo filósofo, mas devido esse elemento curioso, vale iniciar a descrição dessa arte particular com esta referência do Hegel.

Assim, por exemplo, eu na verdade desenvolvi na minha Lógica o conceito como subjetividade, mas esta subjetividade como unidade ideal transparente se supera no que lhe é oposto, na objetividade; aliás, ela mesma como mera idealidade [*deelle*] é apenas uma unilateralidade e particularidade que se conserva diante de um outro, de algo oposto, da objetividade, e é apenas subjetividade verdadeira quando penetra nesta oposição e a supera e dissolve. Assim, no mundo efetivo também é dado às naturezas mais elevadas o poder de suportar e vencer em si mesmas a dor da oposição. Se a música deve expressar de acordo com a arte tanto o significado interior como também o sentimento subjetivo do Conteúdo o mais profundo, do religioso, por exemplo, e na verdade do religioso cristão, no qual os abismos da dor constituem um lado principal, então ela deve possuir em seus âmbitos sonoros meios que são capazes de descrever a luta das oposições. Este meio ela conquista nos acordes dissonantes denominados de sétimos e nonos, cuja indicação mais determinada eu todavia não posso explorar no pormenor³⁵.

Essa passagem resume bem o caráter do ponto de vista hegeliano sobre o todo da música, além de mostrar que o seu desenvolvimento enquanto expressão da densidade interior dos sentimentos se apresenta tal como a lógica a partir da subjetividade. Hegel nos apresenta a música como particularidade artística que, mesmo diante de leis que devem respeitar suas relações quantitativas, ainda se mostra em liberdade com a qual outra obra de arte não podem se apresentar. A música é “ponto no tempo”, desse modo, é realização efetiva da ideia na exclusividade do tempo.

³⁵ **Curso de Estética**. Vol. III. (2002). op. cit.,p. 314.

[...] o ponto é si mesmo concreto e superação ativa do seio da materialidade em movimento e vibração do corpo material em si mesmo na sua relação consigo mesmo. Tal idealidade inicial da matéria, que não mais aparece como idealidade espacial, mas como temporal, é o som, o sensível estabelecido negativamente, cuja visibilidade abstrata se transformou em audibilidade, na medida em que o som desprende o ideal como que de seu confinamento na materialidade³⁶.

Mais perto dessa liberdade está a poesia, porém a mesma, embora com toda a sua sonoridade se mostra acostumada ao texto. Por outro lado a música, mesmo por vezes, com texto, renuncia essa objetividade para se mostrar autônoma, e essa autonomia é enfatizada pelo próprio conteúdo da música, a sua interioridade expressa na temporalidade de sua execução.

Sendo os sons passageiros, Hegel salienta a necessidade de uma reprodução repetida dos sons, pois os sons são em si mesmos singulares e só têm validade musical se puros, quando exteriorizados em leis harmônicas determinadas por relações numéricas. São essas relações numéricas que determinam o ressoar dos sons e especificam a qualidade do material da música. Tais determinações são estabelecidas por meio do compasso, do ritmo e da melodia. O compasso estabelece a unidade temporal de medida e regra; essas regras são distinguidas por meio do ritmo, que configuram a melodia.

Essas são, resumidamente, as características elementares que Hegel nos expõe em relação à música. Ainda para um perfeito reconhecimento do conteúdo, o filósofo detalhadamente apresenta o impulso de liberdade da música. Para tanto, comparando-a a *poesia*, discrimina a situação da relação de acompanhamento entre a música e o texto. De acordo com Hegel, o texto está a serviço da música, e neste sentido

[...] a música pode ser de acompanhamento, quando, a saber, seu conteúdo espiritual não é apenas apreendido na interioridade abstrata de seu significado ou como sentimento subjetivo, e sim penetra no movimento musical tal como já foi desenvolvido pela representação e apreendido em palavras. Por outro lado, ao contrário, a música se livra de um tal conteúdo já pronto por si mesmo e se autonomiza em seu próprio campo, de modo que ela, se ainda se ocupa com algum conteúdo determinado em geral, ou mergulha o mesmo imediatamente em melodias e em sua elaboração harmônica ou também sabe contentar-se com o soar e ressoar completamente independentes como tais e com a figuração harmônica e melódica dos mesmos.³⁷

³⁶ **Curso de Estética.** Vol. I. (2001). op. cit., p. 101.

³⁷ **Curso de Estética.** Vol. III. (2002). op. cit., p.319.

Estas diferenças podem ser ainda melhor observadas na diversidade entre a música vocal e a música instrumental. Por vezes, Hegel indica o elemento da voz como o mais completo ressoar dos sons, o que não minimiza este tipo de música a nenhum tipo de música instrumental, muito pelo contrário, os instrumentos se considerados em conjunto, devem ter harmonia ou pode não haver beleza na música. Hegel sugere que os compositores, ou melhor, os bons compositores, puderam conceber bem essa forma de arte, uma vez que primeiro configuram musicalmente o ânimo interior para depois preencher com o sentido das palavras, as ações e situações a serem configuradas na composição.

O que Hegel concebe como a exposição de um bom texto na música, consiste em o mesmo ter em seu conteúdo consistência verdadeira e que o texto não seja forçado a parecer com a poesia, pois a mesma não lhe pertence como música. O que o filósofo nos sugere é que o excesso de reflexão em composições e arranjos, tal como se apresentou por diversas vezes a poesia romântica em excesso de trivialidade, ou mesmo, em coros da antiguidade como os de Ésquilo e Sófocles, são tão acabados em si mesmos que diminuem o caráter peculiar da música.

O sentimento originário, simples, fundamentado, penetrante, falta aqui inteiramente e nada traz maiores prejuízos à música quando ela faz o mesmo de seu âmbito. Nem a profundidade do pensamento nem, portanto, a presunção ou a indignidade do sentimento fornecem um autêntico conteúdo³⁸.

Esse autêntico conteúdo da música revela uma imensa subjetividade e particularização. É por meio do som, elemento fundamental da música, que Hegel descreve a terceira forma de arte romântica, a poesia.

A poesia, a arte discursiva, é o terceiro, a totalidade que unifica em si mesma os extremos das artes plásticas e da música em um estágio superior, no âmbito da interioridade espiritual mesma. Pois, por um lado, a arte da poesia, tal como a música, contém o princípio do perceber-se a si do interior enquanto interior, o qual escapa à arquitetura, à escultura e à pintura; por outro lado, expande-se no campo do representar interior, do intuir e do sentir para um mundo objetivo que não perde inteiramente a determinidade da escultura e da pintura e é capaz de desdobrar mais completamente do que qualquer outra arte a totalidade de um

³⁸ Ibid., p. 330.

acontecimento, de uma seqüência, de uma alternância de movimentos do ânimo, de paixões, de representações e o decurso fechado de uma ação.³⁹

A poesia é a arte particular mais enaltecida por Hegel, pois a mesma deve apreender com seu conteúdo o espiritual. Diferente das outras expressões particulares, ela não está presa s configurações sensíveis e não pode fazer da interioridade uma causa particular. O primeiro elemento da poesia é o som. O caráter do som, assim como na música é o que se apresenta de imediato na poesia, pois o sujeito falante é o portador da efetividade sensível da poesia.

O poeta ou orador é quem fornece o conteúdo da poesia. Hegel nos alerta sobre fato de todo conteúdo advir do sujeito. O que significa que o que chamamos de poesia pode ser na verdade prosa, e em função disso o filósofo anuncia a diferença entre a representação poética e prosaica.

Para delinear essa diferenciação, Hegel expõe a condição do poético em geral, da expressão poética e a divisão da arte da poesia em épica, lírica e dramática. A primeira observação do autor diz respeito a como devemos conceituar universalmente a poesia enquanto arte e, imediatamente deve-se descartar as aparições singulares, ou seja, partir da singularidade para um conceito universal.

Pois a natureza do poético coincide geralmente com o conceito do belo artístico e da obra de arte em geral, na medida em que a fantasia poética [dichterische Phantasie] não é restringida em todos os aspectos e fragmentada em todas as direções como nas artes plásticas e na música por meio de espécie do material em que ela tenciona expor, porém tem apenas de se submeter às exigências de uma exposição ideal e adequada à arte.⁴⁰

Isso significa que o conteúdo da arte poética deve excluir as coisas naturais e comprometer-se apenas com os interesses espirituais do tema tratado. Sabendo que quem cria a poesia é o indivíduo, o sujeito criador, obviamente, a poesia traz em si certa intuição interior que se manifesta em função da vida exterior. É justamente a partir do aparato da interiorização ou da intuição interior que o criador das temáticas poéticas se mostra mais perto do espírito, do conceito. Por

³⁹ HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética**. Vol. IV. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 12-13.

⁴⁰ Ibid., p. 22-23.

isso, o objeto da poesia é o reino infinito do espírito, que se mostra através da palavra, como o elemento material do mesmo.

A poesia é mais antiga que o falar prosaico desenvolvido com riqueza de arte. Ela é o representar originário do verdadeiro, um saber que ainda não separa o universal de sua existência viva em singularidades, que ainda não contrapõe, um ao outro, a lei e a aparição, a finalidade e o meio, e então os relaciona novamente um ao outro de modo intelectual, mas apreende um apenas no outro e por meio do outro. Por isso, ela não expressa de modo imagético [*bildlich*] um conteúdo já reconhecido por si mesmo em sua universalidade; ao contrário, ela demora, adequadamente ao seu conceito imediato, na unidade substancial que ainda não realizou tal separação e mera relação.⁴¹

De fato, é a poesia a última das particularidades artísticas elucidadas por Hegel, mas ainda não é conceito, pois a arte não é filosofia, é apenas uma das manifestações do espírito para alcançar o conceito. As características, segundo Hegel, que impedem a forma universal da poesia em conceito são o tornar imagem - não como uma imagem do que aparece, mas como transformação das imagens na qual a Idéia é revelada - e o falar da poesia, que fazem parte de seu aparato teórico. No entanto, deve a poesia separar de si a consciência prosaica, não como uma contraposição, mas vivificando e aprofundando significados e o esclarecimento da prosa.

A prosa, segundo Hegel, se baseia em singularidades, nas características do pensar limitado segundo as relações de exterioridade e finitude. Tais características conduzem o representar intelectual a leis particulares de aparições. Nessa perspectiva, falta à prosa a visão da racionalidade e do significado das coisas e a compreensão intelectual do mundo é confundida com a visão da coexistência.

Se ao contrário, a prosa já introduziu o conteúdo inteiro do espírito em seu modo de apreensão e a tudo imprime o selo do mesmo, então a poesia deve assumir a tarefa de uma refusão e conversão plenas e na aspereza da prosa se vê enredada em múltiplas dificuldades por todos os lados. Pois ela não tem de se livrar apenas do apego da intuição comum ao indiferente e contingente e elevar a consideração da conexão intelectual das coisas para a racionalidade ou corporificar o pensamento especulativo para a fantasia, por assim dizer, novamente no espírito mesmo, mas deve igualmente transformar completamente, também nesse sentido múltiplo, o modo de expressão comum da consciência prosaica em consciência poética e em toda a intencionalidade, a qual suscita necessariamente uma tal oposição, contudo também conservar a aparência da ausência de intenção e liberdade originária de que necessita a arte.⁴²

⁴¹ Ibid., p.24.

⁴² Ibid., p.27-28.

A essência da poesia não quer dizer descrever ações ideais, mas o poeta completa o que é sugerido em eventos externos. As ações ideais devem se dar na idéia totalmente realizada. O que a poesia expressa é ações mais sutis, pois nela há todo um conteúdo que pode processar a imaginação de um homem. Tal conteúdo livre de forma abusiva almeja a prosa. A poesia não é tratada pelo filósofo de uma maneira geral, mas sim diante de sua configuração histórica que também inclui a divisão da arte da poesia em épica, lírica e dramática.

Tal como fez com as outras formas de arte, Hegel descreve a poesia em seu caráter histórico. Para tanto, inicia esta descrição com a poesia épica, na qual uma ação ideal subjetiva é representada, enquanto o poeta em si mesmo permanece discretamente como pano de fundo. A tarefa da poesia épica é tornar acabados eventos, na medida em que os mesmos são relatados diante da épica como ações que atingem um maior significado social. O que é celebrado nesta forma poética são as instâncias nas quais os homens exemplificam os ideais contidos em uma dada sociedade.

Oposto à épica encontra-se a lírica, seu conteúdo é extremamente subjetivo e, portanto, satisfaz a necessidade inversa da épica; de se expressar a si e de perceber o ânimo na exteriorização de si mesmo. Os maiores representantes deste tipo de poesia são segundo Hegel: Schiller, Goethe e Klopstock.

O terceiro modo de expressão é o drama, que é a síntese do lírico e do épico, combinando os melhores elementos de ambas as formas, e ainda, procura descobrir tudo o que é ideal na existência humana. Em função disso, a ação dramática é a mais importante sobre a qual os seres humanos podem participar, pois concebe a objetividade que procede do sujeito e o mesmo se realiza na sua validade objetiva, como o espírito em sua totalidade.

O conteúdo verídico do agir trágico é fornecido aos fins, assumidos pelos indivíduos trágicos, pelo círculo das potências por si mesmas legítimas, substanciais no querer humano: o amor familiar dos conjugues, dos pais, dos filhos, dos irmãos, igualmente a vida do Estado, o patriotismo dos cidadãos, a vontade do dominador; além disso, a existência da igreja, não no sentido de uma piedade resignadora diante das ações ou como decreto divino no peito do homem acerca do que é bom ou mau no agir, e sim, ao contrário, como intervenção ativa e exigência de interesses e relações efetivos⁴³.

⁴³ Ibid., p.235-236.

A comédia mostra o elemento irracional do homem, o aceita como ele é. Enfatiza os tipos de tropeços do homem e sua exposição em aspectos tolos, de tal maneira que nenhum tratamento básico ocorre.

É a poesia, a forma de arte universal que realiza a totalidade do espírito. Isto significa que a arte que havia abandonado a objetividade e se voltado para o aspecto da interioridade, volta-se novamente para o aspecto da objetividade, mas não como exterioridade real, mas configurada para a intuição interior e os sentimentos. Para Hegel, é por meio da linguagem, pela arte do discurso da poesia, que o espírito se torna compreensível para si mesmo. Além do que, a poesia é arte universal; porque está presente em todas as formas de arte.

Mediante as considerações referentes às formas de arte e as particularidades artísticas propriamente ditas como manifestações efetivas do Ideal na história, vale ainda ressaltar, por último, como Hegel entende o problema do “fim da arte” tendo em vista o desdobramento histórico- dialético e conceitual da Ideia nas fronteiras da finitude sensível.

5 A TESE DO FIM DA ARTE: uma leitura histórico dialética

Se a filosofia é o momento definitivo em que o espírito se possui a si mesmo, a arte, em seu desenvolvimento histórico, está destinada a morrer, para que o Espírito atinja formas mais elevadas de realização efetivas.

Considerar a problemática do fim da arte nesse movimento do Espírito Absoluto é o primeiro modo de se pensar o problema, ainda que outros não admitam tal reconhecimento. É compreensiva a leitura de alguns estudiosos de Hegel, sobre a impossibilidade de se falar em “morte da arte”, quando realmente não se pode pensar em nenhum momento fúnebre nas esferas do Espírito Absoluto. Assim,

importantes estudiosos não admitem o fim ou a morte da arte, por exemplo, Gonçalves, que se posiciona em relação a essa problemática, não admitindo essa hipótese em Hegel. Para a pesquisadora:

A tese sobre o fim da arte, assim como aquela sobre o fim da história, ou sobre o fim da filosofia são todas fixações de uma concepção de história que – no mínimo – ignora a compreensão histórico-dialética presente em todo o sistema filosófico de Hegel, segundo a qual não se pode falar de fim, sem que possa pensar em um novo começo; da mesma forma que não se pode compreender a dimensão do finito, sem que se tenha consciência de que sua verdade é sempre o infinito. A recusa inicial de partir (como, em geral, manda uma exposição analítica tradicional de conceitos) de definições é, antes de tudo, a recusa em identificar na filosofia de Hegel definições de conceitos, ou melhor: em compreender os conceitos hegelianos como definições, ou como definidos, como definitivos ou finitizados; enfim: como finitos⁴⁴.

Ao concebermos a dimensão dialética do pensamento de Hegel, essa leitura se torna compreensível, bem como se pudéssemos inferir essa mesma dimensão no que diz respeito aos conceitos mediatos para a figura do Absoluto em Hegel.

A arte é uma manifestação sensível, como tal necessariamente finita, do infinito. Está aí sua contradição essencial. E é esta que a faz morrer. Mas em Hegel, a morte da arte é como qualquer outro acontecimento. Um acontecimento só é verdadeiramente em sua confirmação, é sempre e somente a segunda vez que é boa. A primeira negação do que quer que seja é necessariamente sua autonegação, portanto ainda sua afirmação; é preciso que essa autonegação seja negada para que a negação seja efetiva. A arte morre, portanto, duas vezes e, conseqüentemente, sobrevive duas vezes⁴⁵.

De fato, como sugere Bourgeois, a figura da arte não “morre”, porém, tem um fim, na medida que não mais satisfaz os interesses do espírito. Obviamente que esse “fim” não significa que a arte não tinha mais nenhum objetivo para filosofia, uma vez que, enquanto houver espírito sempre haverá arte; em Hegel isso é fato diante da dimensão do movimento dialético apresentado por ele. Entretanto, é exatamente esse movimento que delinea o termo *Aufhebung*, em seus significados de negação, suprassunção, superação e suspensão. Para qualquer um desses termos aplicados ao Espírito Absoluto, deve-se considerar um fim para um novo começo, o que significa que é essa relação que propicia o movimento dialético.

⁴⁴GONÇALVES, Márcia. **A Morte e a Vida da Arte**. In: Kriterion. Belo Horizonte, v. XLV, no-109, 2004. p.47.

⁴⁵BOURGEOIS, B. **Hegel: os atos do espírito**. Trad: Paulo Neves. RS: Unisinos. 2004. p.211.

A unidade do espírito só é possível por meio de suas diferenças, e são essas que confirmam, além da idéia histórica, a significação do *Volksgeist*. É por meio dessa significação, mesclada à dialética hegeliana, que podemos vislumbrar a necessidade da superação das figuras da arte, da religião e da filosofia. Assim como o espírito tem a necessidade da arte, do aparato sensível e objetivo que só ela pode fornecer, o espírito, desprovido de interiorização, sente a necessidade desse elemento, configurado como subjetividade interiorizada. A figura da Filosofia só é possível mediante a união das duas formas anteriores, para se configurar enquanto conceito.

A idéia permeia todo o pensamento da vida e o faz “envolver-se” espiritual e fisicamente; ela está presente nas três esferas, mas cada uma delas com seu específico conteúdo. A arte tem um fim e cede lugar à religião revelada, assim como a última tem um fim, para ceder lugar à Filosofia. O fim é otimista na medida em que os elementos tanto da arte quanto da religião não são dispensáveis, mas se colocam em suspensão, como que “doando” sua especificidade à próxima figura do Espírito, dando à figura da Filosofia a mais completa dimensão.

Apenas a filosofia produz o real conhecimento, mas sem a arte, a filosofia não poderia ter nascido, pois o gradual desenvolvimento da consciência humana, do primitivo para o entendimento, requer a arte como um processo necessário. Nesse exame, cada época produz um pouco mais de consciência, como a Idéia manifesta a si no espírito e na natureza. A análise final de Hegel indica que a arte não pode transferir para os homens os mais altos conceitos, que são dados pela religião e pela filosofia, no entanto isto não significa que ela não possa continuar enriquecendo a experiência humana, muito pelo contrário. A arte unida à filosofia mostra-nos uma nova experiência de olhar o mundo, tida como necessária no curso da história da humanidade, que cada vez mais carente de conceitos, uma vez que uma imensidão de informações começa a ser lançada aos homens desde o século XIX, de forma tão abrupta, que por vezes, essas mesmas informações foram e são lançadas, para que nós, de fato, não pudéssemos compreender a dimensão do que nos é mostrado. O novo papel da arte é a significação do olhar que cada artista empresta à obra, nas mais variadas maneiras de concebermos o mundo. Isso, por vezes é tão óbvio, que se na arte moderna, esse novo olhar ainda era mais dirigido aos mais entendidos em arte, hoje essas significações estão presentes desde a arte feita para as famosas galerias até as camadas mais periféricas e nos lugares mais inusitados, por vezes,

até mais interessantes que a arte de museu. Hoje a arte está nas praças, nos parques, nos muros e paredões de grandes cidades, no artesão de cidades por vezes pouco conhecidas e principalmente em todos os âmbitos de nossas vidas, desde a camiseta que usamos para ir ao trabalho, até nos outdoor que vemos espalhados pela cidade.

O fim da arte não é o fim das obras de arte, de quadros, de música ou de literatura. É sim o fim da arte, enquanto possibilidade do seu ressurgimento e que pode ser compreendido pela história da arte, uma história que agrupa estilos, relaciona movimentos, explica obras particulares e parece mostrar uma linha quase continua de evolução e progresso artístico. O que morreu não foi a arte através de manifestos e narrativas.

É preciso deixar claro que a formulação sobre o fim da arte não aparece explicitamente nas suas obras de maiores afirmações. É também necessário ter em mente que Hegel não decretou a morte ou o fim da arte em nenhum lugar específico e nem de maneira explícita e categórica. Nenhum estudioso de Hegel fez leituras como: “a arte deixou de existir para Hegel” ou “Hegel lamenta o fim do mundo grego”, ou ainda; “Hegel acredita que a mercantilização da arte acarretará no seu completo fim, o que significa sua morte”. O que ele fez foi afirmar ao longo de sua obra *Curso de Estética*, que a arte é coisa do “passado”, transcendeu a ela mesma, é algo “superado”, já não satisfaz mais o interesse mais profundo do espírito.

Embora Hegel se situe no início da arte moderna, é necessário ressaltar que, para Hegel, a arte já inicia seu declínio logo que a arte clássica entra em decadência. A arte passa a ser tão somente profana, aceitando cada vez mais dentro de si a contingência e a particularidade do mundo prosaico; perdendo cada vez mais a sua poesia originariamente mítica para dar lugar a uma prosa dessacralizada. De todo modo, não parece tão triste imaginar que a arte perdeu sua função de revelar o maior dos sentidos do mundo e da vida, pois essa perda foi essencialmente necessária para a conquista de sua verdadeira autonomia, de não ter que servir a nada além de si, e de ter apenas seu sentido em si mesmo. Por isso, não há motivo para vestirmos luto ao diagnosticar a real situação da arte hoje. A transformação do seu conteúdo eterno e divino em finito possibilitou-lhe atingir o extremo de sua libertação, que consiste em ter muitos e infinitos sentidos, e conseqüentemente, de não fazer mais qualquer sentido em si mesma.

Hegel destaca a arte como campo de produção de conhecimento com suas peculiaridades próprias, distinguindo-o do âmbito da filosofia e da ciência. Para o autor; a arte não pode ser limitada à filosofia, pois estaria eximindo-se do seu caráter formativo e criador. Porém, a arte não se mantém ligado ao campo de reflexão humana e da compreensão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo. Ou seja, a produção em arte implica também em reflexão, mas não pode limitar-se a esta, tampouco deve se limitar à investigação científica, pois opera com meios de produção e de expressão ligados aos sentidos e não ao mero uso racional e técnico independente da reflexão filosófica, quando “[...] a verdade é que sempre cada homem julgará obras de arte, caracteres, ações e acontecimentos na medida de seus conhecimentos e de seu ânimo.”⁴⁶

Neste sentido, inferimos que a atividade artística contrapõe-se ao percurso natural das relações humanas e das formas habituais de analisar a realidade. Ela se concentra muito mais para a mudança ou ampliação do olhar do que para a sua estagnação das fórmulas e mecanismos de interpretação da realidade. Para que isso ocorra, a arte deve manter-se livre tanto em seus fins, quanto em seus meios de produção, sendo que o artista precisa libertar-se da servidão dos valores e condutas culturalmente postos, até mesmo do conjunto de conhecimentos e técnicas historicamente aceitos e acumulados no âmbito artístico. Portanto, o papel do artista não se reduz à explicação da realidade ou ao atendimento servil das suas regras de criação. Ao contrário, sua posição implica, inclusive, na criação da autonomia e liberdade no ato criativo. O mesmo ocorre no âmbito da apreciação artística: apesar do olhar do sujeito ser guiado pelo seu repertório cultural, a arte possibilita que ele construa novos modos de interpretar e de atribuir sentido àquilo que acessa; assim, muitas vezes, a obra de arte é criada para contrapor e questionar os modos corriqueiros de compreensão da realidade.

As noções de superação, suprassunção e suspensão são momentos determinantes em todos os aspectos do sistema hegeliano, independente da temática do objeto de pesquisa. A noção de “morte” é que se mostra por vezes equivocada, tais como as interpretações de morte da História, da Religião ou da Filosofia. No entanto, a arte, diferente das outras temáticas, tem a peculiaridade de se apresentar física, cultural e historicamente; e, como não poderia deixar de ser em Hegel, como uma das esferas do Espírito Absoluto. A especificação da diferença é

⁴⁶ **Lições sobre a Estética.**, op. cit., p. 31.

principalmente apresentada no que diz respeito, ao que está configurado como a apresentação física da arte, ou melhor, como a apresentação sensível da mesma. É essa peculiaridade que enfatiza a noção de “Fim” para a arte e que por diversas vezes teve tratamento “fúnebre” na História da Filosofia, configurando a problemática como “Morte da Arte”. Bourgeois, por exemplo, configura esse momento fazendo a seguinte leitura:

[...] Hegel jamais apresenta a política, nem a religião, tampouco a filosofia, como coisas do passado, que não mais interessariam profundamente o homem; ele nunca proclama a morte da política, a morte da religião, a morte da filosofia. Longe disso. Muito diferente, para ele, é o caso da arte: aqui, o fim é ao mesmo tempo a morte, a realização é um acabamento espiritualmente negativo, o desaparecimento, na humanidade, de um interesse verdadeiro pela arte⁴⁷.

O tema fim da arte é, por diversos comentadores, contemplado apenas diante da passagem da forma de arte clássica para a forma de arte romântica. Isto em função da Forma de arte simbólica não ser considerada por Hegel, em sua configuração sensível como arte ou objeto artístico, o que pode ser comprovado na medida em que o autor anuncia a representação física dessa forma de arte como *Vorkunst*. Mas não podemos nos desprender da denominação da primeira forma de arte como forma de arte simbólica e não como forma de pré-arte simbólica. Pois, são as relações de conteúdo e forma que permitem a denominação *Vorkunst*. Ainda, a forma de arte simbólica inaugura o surgimento da arte no ocidente derivada da antiga arte oriental. As representações dessa forma de arte simbolizam a necessidade de a arte libertar-se do seu aspecto natural e ao mesmo tempo misterioso, seu conteúdo se mostra tão distante das representações clássicas, que só poderíamos pensar na temática do fim da arte nesta etapa, na própria intenção sistemática de Hegel.

A tese sobre o fim da arte se funda na idéia de que o fim da arte clássica e o início da arte romântica acabam com o fenômeno do belo enquanto harmonia perfeita entre a Idéia e o mundo sensível. Ou seja, assim como a arte simbólica antecede essa harmonia, sendo, portanto, não-bela, a arte romântica, ao estabelecer o domínio da idéia sobre a matéria sensível, também estaria rompendo a harmonia do ideal (belo clássico).

⁴⁷ Hegel: os atos do espírito., op. cit., p.209.

Para melhor compreensão, devemos considerar a exposição do belo por Hegel, e ainda sua analogia apresentada por ele, do que ele denomina como ideal em referência ao belo. Sabemos que o ideal se funde, na harmonia entre forma e conteúdo, na configuração sistemática de Hegel. Sabe-se também que o belo determina como aparência sensível da Ideia, uma vez que a mesma também deve se apresentar na sua verdade exterior ou sensivelmente e que o ideal é a ideia identificada à sua realidade.

Na obra *Curso de Estética*, especificamente no capítulo “O belo artístico ou o ideal” e a introdução da segunda parte, nos mostra que é possível desmistificar a tese de vários comentadores de que o fim da arte clássica é o primeiro elemento desencadeador do tema do fim da arte. Entretanto, se ressaltarmos a descrição histórica feita por Hegel de cada forma de arte, pode-se considerar esta dimensão, uma vez que é à forma de arte clássica que o filósofo confere a realização de uma perfeita harmonia entre forma e conteúdo. O que temos que identificar nestas relações é a diferença entre forma (*Form*) e figura (*Gestalt*), pois o idealismo que se refere à forma está presente nas três formas de arte elucidadas por Hegel.

Mais precisamente, as Formas de arte, enquanto desdobramentos efetivante do belo encontram de tal modo sua origem na Idéia mesma, que esta se impele por meio delas para a exposição e realidade e, na medida em que ela é apenas para si mesma segundo sua determinidade abstrata ou segundo sua totalidade concreta, conduz a si para a aparição também numa outra forma real. Pois a Idéia é em geral apenas verdadeiramente Idéia enquanto se desenvolve para si mesma por meio de sua própria atividade, e uma vez que ela é, enquanto ideal, aparição imediata e com sua aparição justamente Idéia idêntica do belo, então, em cada estágio particular que o ideal percorre no seu curso de desdobramento, também se encontra enlaçada a cada determinidade interna imediatamente uma outra configuração real. Por conseguinte, tem o mesmo valor se considerarmos o progredir neste desenvolvimento como um progredir interno da Idéia em si mesma ou como um progredir da forma, na qual ela se dá existência. Cada um destes dois lados está imediatamente unido ao outro⁴⁸

Hegel sugere que o ideal se apresenta em cada etapa do delineamento das formas de arte e, por isso, é caracterizado como adequação ou não adequação entre forma e conteúdo, pois o belo se apresenta como a forma sensível através da arte do desdobramento da Ideia. Esse processo demonstra que as modalidades concretas da realização da Idéia da arte como constitutiva do ideal, determinam as

⁴⁸ **Curso de Estética**. Vol I (2001)., op. cit., p. 20.

grandes formas artísticas em seu caráter essencial. Ao mesmo tempo, elucidam as contradições entre espiritual e sensível, que por si só configuram que nenhuma forma de arte é estável, portanto, cada uma dessas formas de arte, determina o movimento constitutivo da Idéia pela arte, acenando necessariamente para a sua superação.

Não tem como deixar de reconhecer a descrição de perfeita harmonia entre forma e conteúdo por meio da arte clássica. De acordo com Hegel, ainda que leiamos o ideal em cada forma de arte como determinação da Idéia, a mesma também mostra suas inadequações ou, porque não suas deficiências.

Por isso, a consumação da Idéia como conteúdo aparece igualmente como a consumação da Forma; e, inversamente, as deficiências da forma artística mostram-se proporcionalmente como uma deficiência da Idéia, na medida em que esta constitui o significado interior para a aparição exterior e nela torna-se real a si mesma. Se, portanto, inicialmente encontramos aqui, em comparação com o verdadeiro ideal, ainda Formas de arte inadequadas, então este não é o caso de quando se está acostumado a falar de obras de arte fracassadas, que ou não expressam nada ou não são capazes de alcançar aquilo que deveriam expor; mas para cada Conteúdo da Idéia é sempre adequada a forma determinada, a qual ele se dá nas formas de arte particulares; e a deficiência ou a consumação reside apenas na relativa determinidade verdadeira ou não verdadeira, em relação à qual a Idéia é para si. Pois o conteúdo tem de ser verdadeiro e concreto em si mesmo antes de ser capaz de encontrar a forma verdadeiramente bela⁴⁹

Essa citação dos *Cursos de Estética* não só apresenta como confirma a necessidade de se pensar numa forma verdadeiramente bela, ainda que todas as outras também se mostrem através do belo artístico. Na descrição de cada forma de arte, é na clássica que percebemos o teor do que nosso filósofo quer dizer com verdadeiramente belo, pois, segundo Hegel (2001); a arte simbólica procura aquela unidade consumada entre “o significado interior e a forma exterior”, que a arte clássica encontra na exposição da individualidade substancial para a “intuição sensível” e que a arte romântica ultrapassa em sua “espiritualidade proeminente”. Na forma de arte clássica o ideal fornece o conteúdo e a forma adequados, naquilo que a verdadeira arte é segundo seu conceito.

Para o filósofo, a beleza clássica foi uma dádiva atribuída ao povo grego, pois esse povo conseguiu conciliar a liberdade subjetiva e a vida ética do Estado (pertence a esse terreno a religião do povo grego). “O Universal da eticidade e a liberdade abstrata da pessoa no interior e no exterior, em conformidade com o

⁴⁹ Id.

princípio da vida grega, permanecem em imperturbada harmonia (...) ⁵⁰ e, tal modo de viver dos gregos foi expresso em cada forma de arte criada por eles, desde as tragédias, até as representações das comédias e, principalmente por meio da escultura grega. Essa forma de arte simboliza os deuses gregos em sua forma autêntica para a intuição sensível, representados antropomorficamente, por meio do ideal de beleza, tanto humana, quanto divina.

O povo grego trouxe para si também nos deuses o seu espírito para a consciência sensível, intuível e representável e deu aos deuses por meio da arte uma existência que é completamente adequada ao seu verdadeiro conteúdo. Por causa desta correspondência, que se encontra tanto no conceito da arte grega quanto na mitologia grega, a arte foi na Grécia a suprema expressão do absoluto, e a religião grega é a religião da arte mesma, enquanto a arte romântica posterior, embora sendo arte, já aponta, contudo para uma Forma mais elevada da consciência àquela que a arte está em condições de fornecer⁵¹.

A forma mais elevada para a qual aponta a forma de arte romântica não quer dizer que a arte clássica perde o mérito de perfeita harmonia. O que configura seu ideal artístico, apenas diz respeito à forma mais elevada de espiritualidade, que segundo Hegel é ultrapassada no que diz respeito à subjetividade. Tal fato é confirmado pela interpretação de que o excesso de subjetividade ultrapassa o próprio sentido do objeto artístico, mesmo na arte romântica podendo ter a denominação de belo. Mesmo em sua realização conceitual mais plena conformando harmoniosamente interior e exterior, a arte clássica é ultrapassada pela necessidade extremada em configurar a interioridade subjetiva, os sentimentos e as paixões que agitam a alma humana; suas determinações enquanto apresentação do infinito no finito exige da arte outras configurações.

Diante destas considerações faz-se necessário sublinhar, tal como outros autores já o fizeram, a famosa passagem que imediatamente descreve a possibilidade do tratamento do fim da arte como temática que subentende os Cursos de Estética.

Seja como for, o fato é que a arte não mais proporciona aquela satisfação das necessidades espirituais que épocas e povos do passado nela procuravam e só nela encontraram; uma satisfação que se mostrava intimamente associada à arte, pelo menos no tocante à religião. Os belos dias da arte grega assim como a época de ouro da Baixa Idade Média

⁵⁰ Ibid., p. 166

⁵¹ Ibid., p. 167.

passaram. A cultura [*Bildung*] da reflexão, própria de nossa vida contemporânea, faz com que nossa carência esteja, ao mesmo tempo em manter pontos de vista universais e em regular o particular segundo eles, seja no que se refere à vontade, seja no que se refere ao juízo, de tal modo que para nós, as Formas, leis, deveres, direitos e máximas, enquanto universais, devem valer como razão de determinação e ser o principal governante. Mas para o interesse artístico bem como para a produção de obras de arte exige-se antes, em termos gerais, uma vitalidade, na qual a universalidade não está presente como norma e máxima; pelo contrário, age em uníssono com o ânimo e o sentimento. É o mesmo que ocorre com a fantasia, que contém o universal e o racional unidos com um fenômeno concreto sensível. Por esta razão, o estado de coisas de nossa época não é favorável à arte. Em [...] todas estas relações a arte é e permanecerá para nós, do ponto de vista de sua destinação suprema, algo do passado⁵².

Sua existência permanece como algo do passado porque o que a arte romântica inaugura é o fim da arte ideal, da perfeita adequação entre forma e conteúdo. Esta passagem, não significa que haja algum sinal de sentença fúnebre sobre a morte da arte, pois sempre haverá arte enquanto houver espírito, mas como já dito acima, a arte assim como o espírito estão em constante movimento e, esse, é necessário para entendermos o nosso passado e o nosso presente. O que Hegel lamenta com a sentença “*os belos dia da arte grega assim como a época de ouro da Baixa Idade Média passaram...*”⁵³

O que Hegel lamenta não é todo o delineamento da arte romântica, muito pelo contrário, nosso filósofo além de exaltar as artes plásticas, a literatura e a música desse período, o faz antes de tudo diante do aspecto religioso, tão privilegiado em toda a Estética, pois, como não poderia deixar de ser, condicionou e continua a condicionar a vida dos mais diversos povos. O que parece ser lamentado é uma espécie de rompimento na arte entre o que é universal na vida dos povos e suas representações particulares, tratadas posteriormente como cultura da reflexão. Toda essa dimensão pode ser lida como o fim da arte, dentro dos ideais da representação de arte à qual Hegel se refere, principalmente no que diz respeito aos ideais da vida e da arte dos povos gregos.

A passagem de Hegel sobre o fim da arte confirma a necessidade da religião para se pensar os momentos constitutivos da arte. Em nosso mundo contemporâneo, essa significação pode parecer estranha, uma vez que não pensamos na relação imanente entre arte e religião. Ou talvez não percebamos estas relações. se antes a arte se apresentava através das pirâmides do Egito, dos

⁵² **Curso de Estética**, Vol. I (2001), op. cit., p.35.

⁵³ Id.

templos gregos e das catedrais cristãs em todo o mundo ocidental, não estaria ela sendo representada em seu novo templo chamado galeria ou museu?

Essa questão faz sentido se reconhecermos um Hegel que não concebe a história sem a presença da religião e, de fato nossa história não pode ser concebida sem esse elemento. Toda a configuração política, ética e social reconhecidas historicamente não faz sentido sem o advento da religião como estrutura de poder nessas relações.

Hegel concebe, para a forma de arte simbólica, as religiões do antigo oriente diante da vida social e cultural. O mundo grego é representado inicialmente a partir da crença mitológica, que condicionava a vida do povo grego e, posteriormente essa configuração toma uma nova proporção na medida em que os gregos desenvolvem a vida política e ética para o bem da polis. Os deuses gregos no novo mundo grego são representados não mais como o inatingível, mas como a própria idealização do humano, até porque os deuses gregos possuem sentimentos e paixões humanas.

Com a emancipação do Cristianismo, a representação religiosa das obras de arte se transforma para satisfação de um único Deus diferente do politeísmo grego. Nesse sentido, o que se representa é um Deus que não possui as paixões humanas e, que mostra ao povo seu Filho como humano, mesmo não tendo um fim humano, o que talvez deixasse a religião cristã mais perto do humano. Cristo não morre, ressuscita e isto só é possível ao Filho de Deus. As mais diversas representações dessa temática na arte são ilustradas, musicadas e poetizadas, na história de Cristo, desde seu nascimento até a sua morte. Essas representações são tidas do ponto de vista de Hegel, por uma imensa beleza, principalmente quando representado o tema do amor de Maria por seu filho.

Em nenhum de seus estágios, a arte deixa de possuir beleza, mas de acordo com Hegel, poderíamos atribuir beleza até mesmo às representações da forma de arte simbólica. E isto não seria um desrespeito à dialética hegeliana, uma vez que nosso filósofo admite a instância do ideal para as três formas de arte. A diferença exuberante entre a forma de arte clássica e a forma de arte romântica aparece na singularidade da palavra verdadeiramente ideal, e este atributo, como já foi descrito, apenas pode ser atribuído à forma de arte clássica. A morte da arte significa a sentença do seu desdobramento histórico no horizonte de suas

possibilidades em cujas expressões a arte é e continua sendo a expressão da espiritualidade de um povo.

Apenas a filosofia produz o real conhecimento, mas sem a arte, a ela não poderia ter nascido, pois o desenvolvimento da consciência humana, desde tempos primitivos para o entendimento, requer a arte como um processo necessário. A análise final de Hegel indica que a arte não pode transferir para os homens os mais altos conceitos, que são dados pela religião e pela filosofia, entretanto isto não significa que ela não possa continuar a enriquecer a experiência humana, pelo contrário. A arte unida à filosofia nos mostra uma nova experiência de olhar o mundo, de forma inesperada, que por vezes, essas informações são lançadas, para que de fato, não pudéssemos compreender a dimensão do que nos é mostrado.

A arte possui um novo papel, que é a significação do olhar que cada artista repassa à obra, nas mais variadas maneiras de compreendermos o mundo. Por vezes, isso é tão óbvio, que se na arte moderna, esse novo olhar ainda era mais dirigido aos mais entendidos em arte, hoje eles estão presentes desde a arte feita para as famosas galerias até aquelas pequenas telas apresentadas na rua e nos lugares mais inusitados, algumas vezes, até mais interessantes que a arte de museu. A arte atual está nas praças, nos parques, nos muros de grandes cidades, por vezes pouco conhecidas e principalmente em todos os espaços de nossas vidas, desde a camisa que usamos, até atrás dos ônibus que circulam pela cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição desenvolvida a cerca da arte sob o fundamento do idealismo hegeliano, observa-se que a mesma é uma das atividades supremas do espírito que, segundo o filósofo, configura-se como ideal: a individualidade entendida como síntese entre o universal contido na ideia e o particular inerente à forma sensível que reveste. Sua função é expressar o absoluto nas possibilidades de sua forma sensível; colocando-nos, assim, diante das belas aparências artísticas. Nos *Cursos de Estética*, Hegel demonstra a importância da Arte na configuração do Espírito enquanto expressão do Absoluto, em que este se apresenta numa imediatez sensível, reconciliando Ideia e Forma na concretude histórica e tendo em vista o contexto sócio-econômico e político-religioso das épocas. O objetivo da arte é a liberdade do conhecimento, que se desobriga do simples formalismo de

regras e se desdobra enquanto efetividade sensível do espírito no tempo histórico. É exatamente por isso que as configurações artísticas representam o primeiro elo entre o exterior (natureza) e a efetividade infinita (liberdade).

A partir dessas considerações gostaríamos ainda de ressaltar uma questão que o estudo oferece: como pensar a importância da estética em um caráter histórico?

Cada momento da filosofia da arte rumo à estética dos antigos aos contemporâneos é o evidenciar da invenção do gosto como critério do belo. Luc Ferry, pensador francês, nota em suas reflexões sobre a natureza e desdobramento histórico do *homo aestheticus*, que a estética hegeliana, soube levar em conta a história concreta da arte. Como exemplo referencial dessa afirmação assinala o quanto a interpretação de Sófocles e a elucidação da poesia romântica alemã continuam sendo modelos para uma crítica da história da arte. Em Hegel, a reflexão, enquanto essência da subjetividade finita, deve ser supra-sumida pelo o que o filósofo chamou de “proposição especulativa”. No momento hegeliano da estética, a sensibilidade perde a autonomia de modo que a estética volta a ser a expressão (*Darstellung*) de uma ideia no campo da sensibilidade. Assim, esta alienação (*Entäusserung*) da ideia numa matéria sensível exterior assume no filósofo, diferentemente do que ocorria no classicismo setecentista, a forma de uma história da filosofia da arte. De tal sorte que a arte continua sendo para Hegel uma manifestação da verdade que, embora atraente, não deixa de ser por definição inferior àquela que ocorre no interior da filosofia, na medida em que a ideia se processa adequadamente na filosofia, a fim de se atingir a coisa mesma.

Outra questão que nos leva ao desejo de ressaltá-la, seria: - Existe de fato a problemática sobre a morte ou fim da arte no percurso dialético de Hegel? Indiretamente podemos constatar que o próprio delineamento de Hegel sobre a arte já nos indicaria o porquê de se pensar na temática do fim. Dessa forma chegar-se-ia a conclusão de que, de fato, podemos e devemos falar de fim da arte tanto no percurso lógico-dialético do que é designado aqui como “sistema hegeliano”, quanto diante da situação histórica da arte. No sistema hegeliano, não podemos conceber nenhuma de suas etapas como não tendo um fim e, ao mesmo tempo, tendo a certeza de que não há a possibilidade do fim se não pensarmos em um novo começo, o que configura o termo *suprassumir*, empregado no pensamento de todas as referências de Hegel que usamos aqui.

Essa mesma resolução deve-se aplicar às modalidades de expressão artística e às formas de arte particulares, pois as mesmas apenas podem ser lidas e concebidas se pensadas pelo movimento dialético proposto por Hegel. Todas essas etapas têm um fim e, ao mesmo tempo todas elas têm um novo começo, mas nunca abandonando suas experiências anteriores.

Tais considerações refletem não só a ideia de arte, como também a de história, como elementos fundamentais para a vida humana. Nenhum destes elementos pode ser considerado em nosso tempo se não concebermos o nosso passado. Temos e somos uma história e, portanto, tudo o que consideramos hoje, somente pode ser configurado se nos dedicarmos a fatos passados, para concebermos o nosso presente e projetarmos o futuro.

REFERÊNCIA

BRAS, Gérard. **Hegel e a Arte: Uma apresentação à Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CHÂTELET, François. **O Pensamento de Hegel**. 2ª Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1985

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: A invenção do Gosto na era Democrática**. Tradução: Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

GONÇALVES, Marcia Cristina Ferreira. **O Belo e o Destino: Uma Introdução a Filosofia de Hegel**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. A Morte e a Vida da Arte. In: **Kriterion**. Belo Horizonte, v. XLV, no- 109, 2004.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética**. Vol. I. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria de Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Curso de Estética**. Vol. II. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo; EDUSP, 2002.

_____. **Curso de Estética**. Vol. III. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **Curso de Estética**. Vol. IV. Tradução: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; consultoria Victor Knoll. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **Cursos de estética**. Vol. I,II,III e IV. Tradução de Marco Aurelio Werle. Consultoria de Victor Knoll e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Enciclopédia das Ciências filosóficas em Epítome**. V.I e III. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Filosofia da História**. 2ª ed. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. **Hegel - os atos do espírito**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Leopoldo: Editora RGS, 2004.

_____. **Lições sobre a Estética**. Caderno de Tradução. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1997.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zaher. Ed.,1997

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução**. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1978.

SILVA JUNIOR, Almir F. **Arte e verdade** : a transparência da razão nos limites da finitude sensível em Hegel. Dissertação de Mestrado. UFPB, 1997.